

O Ato Médico



INDICE

EDITORIAL	3
MATÉRIA DE CAPA	4
<i>"O ato de viver a vida não é um ato médico"</i>	<i>4</i>
Entrevista com Fábio Moraes	4
<i>"A primeira coisa a ser discutida é a definição de médico e de medicina"</i>	<i>6</i>
Entrevista com Paulo Henrique Martins.....	6
<i>"O ato médico representa o que a sociedade pensa da medicina"</i>	<i>9</i>
Entrevista com Marco Antônio Becker	9
<i>"Deveríamos pensar em ato de saúde e não em ato médico"</i>	<i>11</i>
Entrevista com Élide Azevedo Hennington.....	11
Ato Médico: para que e para quem?	15
Por Élide Azevedo Hennington	15
<i>"O ato médico é uma idéia de profissionais que estão distantes da realidade".</i>	<i>16</i>
Entrevista com Maria da Graça Piva	16

DESTAQUES DA SEMANA	19
ENTREVISTA DA SEMANA.....	19
"Há muitas barreiras para os jovens desta sociedade"	19
Entrevista com Néstor García Canclini	19
LIVRO DA SEMANA	22
O Legado de um biólogo incômodo	22
MEMÓRIA	23
Stephen Jay Gould	23
1941 - 2002.....	23
DEU NOS JORNAIS	25
FRASES DA SEMANA.....	29
EVENTOS IHU	33
IHU IDÉIAS	33
A cidade e a cultura digital	33
Corpo-Verão e agenda do corpo.....	34
Rumos da arquitetura, hoje.....	35
ABRINDO O LIVRO	37
Vida Maravilhosa. A obra de Stephen Jay Gould em debate	37
Próxima edição	40
SALA DE LEITURA.....	40
Economia Solidária no próximo Sala de Leitura.....	40
II CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL.....	41
Paulo Freire: "Eu estou na minha fé!"	41
O Continente de Erico Veríssimo. Como entender o Brasil?	41
CICLO DE ESTUDOS SOBRE "O MÉTODO", DE EDGAR MORIN.....	44
A saúde no paradigma da complexidade	44
EXPOSIÇÃO ITINERANTE CELEBRA OS 3 ANOS DO IHU.....	44
Teologia e Espiritualidade a partir do Movimento Ecológico e Feminista	45
FÍSICA QUÂNTICA: DA SUA PRÉ-HISTÓRIA AO CONTEÚDO ESSENCIAL.....	45
A RELATIVIDADE, A FÍSICA DAS PARTÍCULAS E AS ORIGENS DO UNIVERSO	46
RELAÇÕES DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	46
IHU REPÓRTER	47
EGÍDIO FRANCISCO SCHMITZ.....	47
SALA DE LEITURA	50
CARTAS DO LEITOR	50
Enquete no sítio do IHU - www.ihu.unisinos.br	50
Confira o resultado da enquete da última semana	50

EDITORIAL

*Tramita, no Senado Federal, o projeto de lei 25/2002, a assim chamada lei do Ato Médico. Ele torna privativo da classe médica todos os "procedimentos diagnósticos" e "indicações terapêuticas". Mais: no artigo 3º, torna privativos do médico "as atividades de coordenação, direção, chefia, perícia, auditoria, supervisão e ensino dos procedimentos". O projeto de lei do Ato Médico está suscitando um grande debate entre os profissionais da área da saúde e de todos os interessados na saúde pública. Instigados a participar desta discussão pelos nossos colegas que atuam na área da saúde coletiva aqui na Universidade, dedicamos o tema de capa desta edição ao debate do referido projeto de lei. Assim, entrevistamos Fábio Moraes, mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, Paulo Henrique Martins, professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Marco Antônio Becker, presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul (Cremers) e 2º vice-presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM), Dra. Élide Azevedo Hennington, professora no PPG em Saúde Coletiva da Unisinos e Maria da Graça Piva, presidente do Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul (Coren) e do Conselho Federal de Enfermagem. Uma boa oportunidade para dar continuidade ao debate é à conferência A saúde no paradigma da complexidade, que será proferida pelo Prof. Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, reitor e professor na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na programação do Ciclo de Estudos sobre **O Método** de Edgar Morin.*

Vida Maravilhosa de Stephen Jay Gould é o livro que será aberto no evento Abrindo o Livro pela Profa. Dra. Tânia Lindner Dutra, professora do PPG em Geologia da Unisinos. **The Structure of Evolutionary Theory**, última obra de Stephen Jay Gould é o livro da semana do nosso boletim. A ele também dedicamos a editoria Memória. Deste modo, estamos iniciando a preparação do Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, a ser realizado de 16 a 19 de maio de 2005. aqui na Unisinos.

Na próxima segunda-feira, dia 11 de outubro, feriado na Unisinos, o boletim **IHU On-Line** não será publicado, tendo em vista que o dia 12 de outubro é feriado nacional. Ele voltará a circular, normalmente, na segunda-feira, dia 18 de outubro.

A todos e todas uma ótima semana e uma excelente leitura!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

"O ATO DE VIVER A VIDA NÃO É UM ATO MÉDICO"

Entrevista com Fábio Moraes

"Se definir só a doença resolvesse o problema da saúde da população, seria ótimo, nós seríamos os primeiros a defender esta idéia. Dar o nome da doença e pensar que o remédio "x" vai resolver o problema é alimentar uma idéia reducionista, sem refletir sobre quão complexo é o adoecimento humano". Essa é a opinião do professor e coordenador do curso de Psicologia da Unisinos, Fábio Alexandre Moraes, que conversou com o IHU On-Line a respeito do projeto de lei do ato médico. Graduado em Psicologia pela Unisinos, Fábio Moraes é mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Sua dissertação leva o título Abrindo a Porta da Casa dos Loucos (ou: para ativar a potência dos fluxos).

IHU On-Line - Como os psicólogos estão se colocando frente a esta reivindicação da classe médica de estabelecer o chamado ato médico?

Fábio Moraes – Primeiro, não se colocando contra os médicos. Eu acho que é uma discussão que se coloca com pontos de vistas diferentes, são formas de se compreender a questão da saúde ou a questão do processo saúde. O ato médico materializa, na minha forma de entender, algo que sempre esteve presente como um foco de tensão entre a medicina como um conjunto de saberes e o conjunto de saberes que sustentam as outras práticas profissionais. Eu trabalho também na saúde pública e sempre trabalhei ao lado dos médicos e me defrontei um pouco com esta perspectiva diferente em relação à saúde e à doença. Acho que o ato médico apenas traz isso de uma forma mais candente, e traz essas compreensões diferentes para o plano político.

IHU On-Line – Essas visões diferentes refletem idéias diferentes do Sistema Único de Saúde (SUS)?

Fábio Moraes - Na verdade, o SUS é algo que ainda não está plenamente implantado, e sabemos que o seu pleno funcionamento depende muito de todas as áreas da saúde e que muitas áreas se desenvolveram justamente nesse debate. A psicologia é um exemplo disso. Na reforma psiquiátrica, por exemplo, houve um embate, o interesse maior em romper com o modelo hospitalocêntrico e psiquiatrizante, a luta para lidar com a doença mental teve a participação da psicologia, do serviço social, da enfermagem. Este pessoal tinha mais interesse em quebrar o modelo hospitalocêntrico, então eu acho que esta é a tensão que se coloca.

IHU On-Line – Quais são, em síntese, as formas diferentes de perceber a saúde?

Fábio Moraes – Não é uma discussão simples, mas tem um ponto central. O ato médico se centra muito no diagnóstico, que seria uma atribuição médica. Isso tem uma certa ambigüidade, mas reproduz, exatamente, a diferença. Nós pensamos muito mais amplamente todo o espectro saúde, doença. Pensamos em um processo mais amplo que envolve não uma doença em si, mas o sujeito contextualizado, social, político. A doença surge em uma conjuntura que é muito mais ampla, não se trata de ver o processo isolado da doença. O médico, de uma certa forma, defende uma coisa que para nós é reducionista, ele é muito pontual. Nós também queremos discutir como é que as doenças se configuram como doenças e como é que elas se articulam com este contexto maior. Isso para nós é indispensável. Este é o grande ponto de divergência: enquanto o médico se centra na doença, atende a doença, nós atendemos sujeitos

vivos, que têm uma história, que se constituem por essa história e é por causa dela também adoecem, e esta doença pode até ter um nome e ter um diagnóstico. Nós vamos fazer o diagnóstico, mas em um processo mais amplo, mais complexo. Na verdade, nós estamos lutando por um espaço neste campo de trabalho que é nosso, é dos profissionais da saúde, que não são médicos, mas que também lutam por uma forma de entender a saúde. Não queremos apenas bons diagnósticos, mas que estes diagnósticos sejam discutidos em um âmbito maior. E o médico não está preparado para isso, eu diria que hoje o médico está muito menos preparado do que a maioria dos outros profissionais das áreas da saúde. Se definir só a doença resolvesse o problema da saúde da população, seria ótimo, nós seríamos os primeiros a defender esta idéia. Dar o nome da doença e pensar que o remédio “x” vai resolver o problema é alimentar uma idéia reducionista, sem refletir sobre quão complexo é o adoecimento humano.

IHU On-Line - Em algum momento, a saúde pode prescindir do médico?

Fábio Moraes – Não, de forma nenhuma. Mas em nenhum momento nós estamos dizendo que o médico não é importante. Mas o médico mas não pode prescindir dos outros profissionais para pensar a doença. Como propõe o SUS, deve-se atentar para a integralidade. O que é integralidade? É ver o sujeito forma integral, ele não é apenas cabeça, no sentido mental, ele não é apenas corpo, ele não é apenas social, ele é um conjunto de coisas, então a integralidade representa um princípio fundamental.

IHU On-Line A questão de fundo desse debate é a estruturação e a concepção do SUS?

Fábio Moraes – Eu acho que esse é um dos elementos, o SUS é uma parte e uma parte importante do problema. Eu trabalho há 17 anos no SUS e vejo que sempre foi muito difícil uma plena integração dos médicos no SUS. Normalmente, o médico tem mais de um trabalho, outros profissionais também têm, mas para o médico isso é muito mais forte. O SUS é um trabalho secundário para o médico, não estou dizendo para todos, mas é o que tem acontecido muito. Então discutir o ato médico, tendo o SUS como pano de fundo é importante, porque nós estamos querendo um trabalho mais integrado destes profissionais, incluindo o médico dentro do Sistema Único de Saúde. O médico é mal remunerado, esta é a queixa dele. E os outros não são mal remunerados? Por que os outros profissionais cumprem as suas cargas horárias, e o médico não precisa cumprir?

IHU On-Line – Por que o médico recebe tratamento diferenciado?

Fábio Moraes - Há uma certa convivência do poder público, mas esse tratamento diferenciado origina-se do lugar que socialmente o médico ocupa. Os médicos são prefeitos, são vereadores, souberam se organizar. Eles sabem usar este espaço, apresentaram agora a proposta do ato médico, que é um torpedo contra o SUS. Se for aprovado, o ato médico vai questionar até o fato de um outro profissional ser coordenador de uma equipe de saúde. E sabe-se que um outro profissional que não seja médico, que é muito específico e sempre está mais preocupado com uma questão muito localizada, muitas vezes, está até mais preparado. Isso dificulta pensar as relações e a dinâmica das equipes: como esta relação pode se construir de uma forma mais interessante para dar conta do serviço. O médico não tem esta preparação ele não estuda isso, ele não se prepara para trabalhar com grupos. Além disso, mesmo nos cursos de Medicina de universidades públicas, a referência ao Sistema Único de Saúde, é reduzida, fica-se abismado com a falta de conhecimento deles sobre o SUS, ao passo que cursos, como Psicologia, Serviço Social, têm uma grande quantidade de horas destinadas ao estudo disso.

IHU On-Line – Pode-se dizer que as demais profissões da área da saúde diferem da profissão médica, porque, atualmente, têm uma visão mais humana do processo?

Fábio Moraes – São 15 as profissões¹, não tenho conhecimento de todas, não poderia falar. Mas todas elas foram influenciadas pelo advento do Sistema Único de Saúde e da obrigatoriedade de se ampliar o olhar sobre o sujeito, e isso se refletiu na mudança curricular. O currículo da Medicina nunca sofreu alterações como essas. É engraçado aparecer esta questão do ato médico, ela é totalmente anacrônica, ela é fora de lugar quase, fora do tempo, porque nós estamos discutindo justamente hoje uma certa quebra dos limites profissionais.

IHU On-Line – O ato médico não pode ser visto como um esforço para combater uma certa fragmentação no atendimento terapêutico, na saúde em decorrência deste grande leque de profissões?

Fábio Moraes - O grande leque de profissões retrata um pouco a forma como o conhecimento se complexificou. A medicina não é algo natural, é uma área recente e ela surge como uma organização de conhecimento, no momento em que havia necessidade de se organizar o Estado, como ensina Michel Foucault. A população sempre cuidou da sua defesa social, as pessoas aprendiam ofícios e sempre cuidavam da saúde. Em um determinado momento, o Estado achou que era importante padronizar o ensino, as fabricações de canhões para a sua defesa, o atendimento das questões de saúde. Esta é uma das fontes das origens da medicina. Fala-se da medicina como algo natural, que sempre existiu, como se ela tivesse um saber próprio. Isso é uma falácia. Há um saber que é articulado por forças políticas, por pressões e por grupos. A psicologia, por exemplo, é interdisciplinar, se comunica com um campo do saber imenso e houve um tempo que ninguém falava em psicologia, falava em outra coisa, que hoje chamamos de psicologia. Talvez daqui a cem anos a gente não fale mais em medicina como a gente fala hoje, possivelmente não vai mais se falar de medicina desta forma, falemos de outro jeito, talvez com outro nome. O ato de viver não é um ato médico, é muito mais complexo e, em algum momento, o médico não esteve presente, isso está comprovado historicamente. Hoje temos médicos. Que bom que temos! Mas restringir toda a complexidade desse processo ao ato médico pode ser muito perigoso.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"A PRIMEIRA COISA A SER DISCUTIDA É A DEFINIÇÃO DE MÉDICO E DE MEDICINA"

Entrevista com Paulo Henrique Martins

"A primeira coisa a ser discutida é saber qual a definição de médico e de medicina presente no discurso do legislador. Desse modo, se o legislador estiver apenas procurando definir o ato médico do profissional da alopatia, da biomedicina ensinada atualmente nas Faculdades de Medicina, penso que pode ser uma iniciativa saudável por permitir uma reflexão mais profunda sobre as possibilidades e limites deste tipo de medicina. Por outro lado, a consideração genérica sobre o ato médico, penso que pode trazer mais confusão que esclarecimentos para o campo da medicina como um todo, na medida em que existem práticas diversas cujas terapêuticas não são facilmente conciliáveis", afirma o professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque,

¹ As 15 profissões da área da saúde são: Medicina, Farmácia, Enfermagem, Saúde Coletiva, Odontologia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Biomedicina, Fisioterapia, Nutrição, Educação Física, Serviço Social, Psicologia, Ciências Biológicas e Quiropraxia. (Nota do *IHU On-Line*)

que concedeu a entrevista a seguir ao **IHU On-Line** por e-mail. Ele é Graduado em Direito pela UFPE, fez mestrado e doutorado em Sociologia pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne), da França. A Universidade de Paris X-Nanterre, também da França, conferiu-lhe o título de pós-doutor em 2001. Paulo Henrique Martins tem contribuído para difundir, no Brasil, a discussão contemporânea sobre a teoria da dádiva, inicialmente revelada por Marcel Mauss, e que procura aplicar nos estudos que vem desenvolvendo sobre as práticas médicas e sobre as perspectivas de uma "medicina solidária". O professor é autor do importante livro **Contra a desumanização da medicina: crítica sociológica das práticas médicas modernas**. Petrópolis: Vozes, 2003. Também escreveu **Pernambuco e a Modernidade**. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1999; e organizou os livros **A Dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002; e **Economia popular e solidária: desafios teóricos e práticos**. Recife: Bagaço, 2003.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre o ato médico, tal como ele está sendo proposto através do projeto de lei que tramita no Senado Federal?

Paulo Henrique Martins - Não vejo, em princípio, problemas de se regulamentar o exercício das profissões médicas, mas, no caso em questão, me parece que a primeira coisa a ser discutida é saber qual a definição de médico e de medicina presente no discurso do legislador. Desse modo, se o legislador estiver apenas procurando definir o ato médico do profissional da alopatia, da biomedicina ensinada atualmente nas Faculdades de Medicina, penso que pode ser uma iniciativa saudável por permitir uma reflexão mais profunda sobre as possibilidades e limites deste tipo de medicina. Por outro lado, a consideração genérica sobre o ato médico, penso que pode trazer mais confusão que esclarecimentos para o campo da medicina como um todo, na medida em que existem práticas diversas cujas terapêuticas não são facilmente conciliáveis.

IHU On-Line - Segundo os defensores do referido ato médico, a regulamentação proposta é necessária, entre outros motivos, porque o discurso da interdisciplinaridade sem limites legais de competência favorece a ideologia neoliberal de maximizar os lucros e minimizar a presença do Estado na saúde. Como o senhor se posiciona frente a esse argumento?

Paulo Henrique Martins - O argumento é confuso e inconsistente. No meu entender, o que assegura a presença saudável do Estado na saúde é justamente a possibilidade de uma perspectiva interdisciplinar que assegure o diálogo de diferentes medicinas. Um exemplo concreto é dado pelo Programa de Saúde da Família que tem buscado resgatar tanto o saber médico popular (que constitui um importante capital social das populações desfavorecidas) como o concurso de diversos profissionais que cuidam da saúde coletiva no momento da organização das equipes de saúde (médicos, psicólogos, assistentes sociais, etc.) Na verdade, um dos pontos polêmicos desta discussão sobre o ato médico está justamente no fato de que muitos defensores de uma saúde pública saudável suspeitam de uma armadilha que visa a assegurar para a alopatia (e para os interesses mercantis subjacentes, da indústria de medicamento sobretudo) o monopólio perdido sobre a prática médica e científica.

IHU On-Line - A exacerbação das opções "alternativas" não poderia nos conduzir também à fragmentação da abordagem terapêutica, assim como teria ocorrido com a excessiva especialização médica?

Paulo Henrique Martins - O que fragmentou a clínica médica foi a especialização conduzida pela lógica utilitarista e cientificista atrelada aos interesses do grande capital médico (equipamentos, medicamentos, tecnologias), e não a pluralidade médica. Esta, pelo contrário,

aparece como o sinal saudável de um sistema de curas complexo necessário para responder a demandas igualmente complexas. Considerando que a maior parte das enfermidades contemporâneas possui um caráter psicossomático acentuado, apenas uma perspectiva interdisciplinar que responda a desafios objetivos e subjetivos, físicos, emocionais, energéticos e psíquicos da doença pode responder a este desafio de complexidade.

IHU On-Line - Em seu livro *Contra a desumanização da medicina*, o senhor propõe a superação da "medicina oficial" por uma "nova medicina". Em traços largos, o senhor poderia destacar as suas principais proposições?

Paulo Henrique Martins - A nova medicina que está sendo desenhada a ferro e fogo no momento atual nem é aquela da Nova Era, como supunham os defensores fervorosos de uma certa medicina espiritualista, nem aquela da Medicina Tecnológica que dispensa o trato humano. No meu entender, os embates atuais apontam para uma reconfiguração complexa em que devem ser considerados: por um lado, os inegáveis avanços tecnológicos da biomedicina, por outro, o reforço da interatividade, do dom médico, da possibilidade de troca direta, técnica e humana entre o profissional e o paciente.

IHU On-Line - Frente à iniciativa como a caracterizada pelo "ato médico" em questão, quais são as perspectivas para a disseminação dessa "nova medicina", no seu entender? O senhor considera que tais preocupações encontram guarida nos formuladores das políticas públicas da área de saúde?

Paulo Henrique Martins - O SUS constitui, a meu ver, uma iniciativa política extremamente importante para mudanças de paradigmas no campo médico. A passagem de uma abordagem assistencial-curativa centrada nos hospitais para uma outra, de promoção à saúde, centrada no contato direto com as populações no *habitat*, abre perspectivas teóricas e metodológicas muito interessantes para se repensar o campo médico como um todo e, inclusive, a própria formação acadêmica ministrada nas Faculdades de Medicina. Nesse sentido, a necessidade de formar profissionais capazes de responder a uma medicina interativa e territorializada tem levado à introdução de iniciativas disciplinares relevantes, relacionadas com a ética e com o humanismo, e com a diversidade técnica e científica (é o caso, por exemplo, da introdução da acupuntura). Por outro lado, ressalte-se que a emergência das novas medicinas não depende apenas do desejo e estratégia dos profissionais. Desconsidera-se um aspecto fundamental: as pessoas comuns procuram alternativas terapêuticas, quando estão, em geral, desiludidas com a terapêutica alopática, com os efeitos negativos dos antibióticos e antidepressivos, com a desconfiança crescente na capacidade do profissional da biomedicina oficial, do médico diplomado nas faculdades, de acolher a pessoa em sofrimento (porque tais profissionais não foram preparados para lidar com o sofrimento humano, tendo apenas uma compreensão limitada e biológica da doença).

IHU On-Line - O senhor gostaria de acrescentar outros comentários ao tema em debate?

Paulo Henrique Martins - Penso que este assunto tem que ser amplamente discutido para evitar um "golpe de força" dos setores conservadores sobre o movimento de reumanização da medicina e de fortalecimento de um campo plural e democrático na saúde.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"O ATO MÉDICO REPRESENTA O QUE A SOCIEDADE PENSA DA MEDICINA"

Entrevista com Marco Antônio Becker

*"A lei que institui o ato médico representa o que a sociedade pensa da medicina. Se alguém está doente, vai consultar e se tratar com o médico. A lei é passada do direito consuetudinário, que é o costume, para a fonte principal do direito brasileiro, que é a lei. Por isso precisamos da lei, pois se a fonte do direito principal brasileiro fosse o costume, seria desnecessário". Essa é a opinião de Marco Antônio Becker, presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul (Cremers) e 2º vice-presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM). Becker, que concedeu entrevista ao **IHU On-Line** por telefone, é formado em medicina pela UFRGS e especializado em oftalmologia pela Universidade de Madrid.*

IHU On-Line – Quais são os fundamentos dessa proposição da categoria médica sobre o "ato médico"?

Marco Antônio Becker - A finalidade do ato médico é delimitar prerrogativas profissionais. A medicina é uma profissão milenar e até então não se precisou de lei, pois o costume estabelecia que quando alguém está doente vai ao médico. Esse é o costume milenar e não precisa de lei para ser cumprido. Como todas as outras profissões da área da saúde têm suas leis específicas, especiais, a medicina também precisa da sua lei especial. Por isso procuramos caracterizar legalmente o ato médico, que é a lei da medicina. Essa lei é muito clara. Ela diz que o diagnóstico e o tratamento de doenças é ato médico, só isso. Há um artigo que diz que, em cargos de chefia, nos quais, necessariamente, estão envolvidos atos médicos, o chefe deve ser um médico. Naqueles em que não estão envolvidos atos médicos, o chefe não precisa ser médico. Essa lei tem quatro artigos.

IHU On-Line - À alegação dos representantes das demais profissões da área da saúde de que essa definição é retrógrada, que atenta contra uma visão interdisciplinar da saúde, qual o argumento que os senhores têm?

Marco Antônio Becker - Ela não é retrógrada. Ela representa o que a sociedade pensa da medicina. Se alguém está doente, vai consultar e se tratar no médico. A lei é passada do direito consuetudinário, que é o costume, para a fonte principal do direito brasileiro, que é a lei. Por isso precisamos da lei, pois se a fonte do direito principal brasileiro fosse o costume, seria desnecessário.

IHU On-Line – Mas é correto dizer que, atualmente, quando alguém está doente procura primeiro um médico?

Marco Antônio Becker - É uma verdade atual. Vou dar um exemplo. Uma enfermeira estava receitando num Posto de Saúde, em Porto Alegre, há dois anos. Houve uma denúncia e nós divulgamos na imprensa que aquela pessoa que estava lá atendendo as consultas era enfermeira. O resultado: o Posto foi apedrejado pela população, uma população de baixa renda. Mesmo a população de baixa renda tem o conceito de que quem está doente, vai ao médico.

IHU On-Line - Se isso está assim estabelecido, por que a necessidade dessa lei?

Marco Antônio Becker - Porque estava havendo invasão na área médica. Como a principal fonte do direito brasileiro é a lei, não adianta ficar no costume. Temos que fazer desse costume uma lei. É a sociedade brasileira que quer. Nós nem precisávamos, não tem problema nenhum. Quem dá um atestado de óbito, por exemplo, é o médico. Só pode dar atestado de óbito quem trata, quem tem o poder de tratar doenças. Para os diagnósticos funcionais, o tratamento de funções, para isso há leis específicas. A fisioterapia e várias outras profissões têm as suas leis

específicas. Eu não sei por que tanto medo desse ato médico, se cada uma dessas profissões tem a sua lei.

IHU On-Line - Que tipo de invasão está acontecendo?

Marco Antônio Becker - Está havendo na fonoaudiologia, por exemplo, uma confusão muito grande com os otorrinos. Essas profissões estão restritas e adstritas. Há uma restrição de prerrogativas. O próprio conceito popular, a própria concepção popular, a sabedoria popular reconhece. Dei o exemplo do apedrejamento do posto. A população pobre, carente, viu que aquilo não estava certo. Não é porque são pobres que podem ser atendidos por enfermeira. É como dividir os pacientes em duas categorias. Será que um deputado que vai votar a lei, quando ficar doente, vai gostar de ser atendido por um profissional não-médico? Se for um caso de fisioterapia, o médico diagnostica a doença do aparelho locomotor e solicita que seja feito um tratamento fisioterápico ao fisioterapeuta. Qual é o problema? Nenhum.

IHU On-Line - Essa definição do ato médico não acaba fechando o conceito da profissão médica numa versão tipicamente alopata e hospitalocêntrica?

Marco Antônio Becker - Em absoluto. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. A lei não se refere a hospitais, homeopatas. Essa lei é muito importante, inclusive para as outras profissões. Temos alguns postos em que estão obrigando, muitas vezes, por falta de médicos, as enfermeiras a fazerem certas atividades que elas não querem. Isso porque elas vão ter que assumir responsabilidades muito sérias. A lei do ato médico vai beneficiar todo mundo. Cada profissão com sua lei. Pronto.

IHU On-Line - Por que, na sua opinião, os representantes das outras categorias afirmam que essa lei é uma prevenção contra uma forma de conduzir a saúde que vem sendo orientada pelo SUS?

Marco Antônio Becker - Absolutamente, é o contrário! Nós não queremos que, no SUS, usado mais pelas pessoas pobres, o atendimento e o tratamento das doenças sejam feitos por profissionais que não o médico. Estou falando tanto em tratar doença, porque o projeto fala nisso, diagnosticar e tratar doenças é a síntese do projeto de lei. Quando se fala nisso, queremos exatamente prestigiar o SUS, para que ele ponha médicos à disposição. As pessoas abastadas e abonadas jamais vão consultar um profissional que não o médico para tratar uma doença. A lei beneficia as pessoas pobres. Para pessoas esclarecidas, que podem pagar planos de saúde, não teríamos motivo para fazer uma lei para isso.

IHU On-Line - O senhor não teme que a atividade médica perca a perspectiva interdisciplinar?

Marco Antônio Becker - Não, ao contrário. Porque as leis das profissões da área da saúde continuam vigendo. Com o ato médico, o diretor de um posto de saúde não pode mandar um profissional da saúde não-médico fazer uma atividade que não seja da sua competência. Para o diagnóstico e tratamento de doenças, ele terá que providenciar um médico.

IHU On-Line - Todo e qualquer tipo de doença deve inicialmente ser analisado pelo médico?

Marco Antônio Becker - Mas isso é a expressão popular! O médico verificando - e daí a importância das outras profissões da área da saúde - que precisa fazer uma dieta, uma avaliação de dieta, manda para a nutricionista. Ou precisa de uma fonoaudiologia e passa para uma fonoaudióloga, que faz toda avaliação e manda a sugestão para o médico tomar a decisão.

O médico que trata a doença vai tomar a decisão. O paciente segue a solicitação do médico e faz três meses de fisioterapia. Depois desse período, o fisioterapeuta diz: "Agora você tem que voltar para o seu médico, para ver se não tem outro problema, se está tudo bem". É uma interação entre as profissões. Não entendo como é que as pessoas podem pensar de modo diferente.

IHU On-Line - Qual é a perspectiva de aprovação desse projeto de lei na avaliação do CRM?

Marco Antônio Becker - A perspectiva é boa, muito boa. O substitutivo foi feito pelo líder do governo no Senado. Vai ser aprovada essa lei. Talvez leve um ou dois anos, não se sabe, mas vai ser aprovada. Enquanto isso, para a profissão médica continua valendo a concepção milenar de que quem trata a doença é o médico; quem diagnostica a doença é o médico. É uma coisa tão simples, não tem confusão. Só quer fazer confusão quem está interessado em se imiscuir no exercício da Medicina. De resto, é uma coisa pacífica entre médicos e população. Pode fazer uma enquete. Faça esta pergunta: "Se o senhor estiver doente, vai procurar quem?"

IHU On-Line - Mas o conceito de medicina e de doença não vem sofrendo algumas transformações?

Marco Antônio Becker - Não tem transformação nenhuma. O diagnóstico de doenças, tratamento, em qualquer parte do mundo, cabe ao médico. As outras profissões tratam especificamente de algumas áreas eminentemente funcionais.

IHU On-Line – Críticos do projeto dizem que a concentração desse poder nas mãos dos médicos aproxima-os perigosamente de interesses comerciais, ligados à indústria farmacêutica Como o senhor vê isso?

Marco Antônio Becker - Não tem sentido nenhum. O médico continua, pelo código de ética, e pelo decreto lei de 1932, proibido de ter farmácia e ter interação comercial com farmácia. Isso consta no código de ética médica e numa lei federal de 1932 que vige ainda. Não há interação nenhuma, promiscuidade nenhuma. Isso é manobra diversionista. Isso é tergiversar sobre o assunto.

IHU On-Line - O senhor considera que essa definição do ato médico contribui para humanizar a medicina?

Marco Antônio Becker - Perfeitamente. Aí vai haver uma interação sem medo, sem pruridos, cada um na sua área, em benefício do paciente, através de ações multidisciplinares.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"DEVERÍAMOS PENSAR EM ATO DE SAÚDE E NÃO EM ATO MÉDICO"

Entrevista com Élide Azevedo Hennington

A professora Élide Azevedo Hennington do PPG em Saúde Coletiva da Unisinos, afirmou, em entrevista concedida pessoalmente ao IHU On-Line, que o ato médico se contrapõe a tudo o que alguns médicos vêm defendendo nos últimos tempos. "Na medida em que alguém procura restringir, limitar a atuação das outras categorias profissionais da área da saúde, num campo em que esses limites são muito tênues, são muito imbricados, fica difícil de aceitar uma proposta desse tipo. Na área da saúde coletiva, já superamos essa visão de que a saúde se resume a um modelo médico-centrado, disse. A professora Élide é médica, graduada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É também mestre e doutora em Saúde Coletiva pela Unicamp.

O título da sua dissertação é Saúde e trabalho: considerações sobre as mudanças na legislação acidentária brasileira, e sua tese intitula-se Saúde e trabalho: mortalidade e violência no município de Campinas, SP. Além da entrevista, IHU On-Line publica, a seguir, um artigo sobre o tema, de sua autoria, por ela enviado. Agradecemos a contribuição.

IHU On-Line – Sendo uma profissional dedicada às questões ligadas à saúde coletiva, como a senhora analisa a proposta do ato médico?

Élida Hennington – Como professora de Saúde Coletiva, me senti instigada a participar desse debate, verificando o projeto de lei que está sendo proposto pelos médicos. Vejo nele uma proposta de cunho corporativista, da minha própria corporação, pois sou médica, mas que se contrapõe a tudo o que vimos defendendo nos últimos tempos. Na medida em que alguém procura restringir, limitar a atuação das outras categorias profissionais da área da saúde, num campo em que esses limites são muito tênues, são muito imbricados, fica difícil de aceitar uma proposta desse tipo. Na área da saúde coletiva, já superamos essa visão de que a saúde se resume a um modelo médico-centrado. A atenção à saúde é muito mais do que isso, no que verificamos no dia-a-dia. Isso se contrapõe à própria realidade, porque o que observamos, e qualquer médico sabe disso, é que as pessoas procuram os profissionais de saúde e não só os médicos, para resolverem os seus problemas, atenuar os seus males e sofrimentos.

IHU On-Line – Os médicos dizem o contrário...

Élida Hennington - Uma atuação nessa área não é prerrogativa dos médicos. A resolução dos problemas de saúde vai muito além de uma atuação unicamente médica. Outra questão que é de base é a beneficência. Eu estava lendo um documento do Conselho Federal de Medicina, que acredito ter dado origem ao projeto de lei, que fala da beneficência, que estaria intrinsecamente ligada à atuação na área de qualquer profissão, mas especialmente nas da área da saúde. O primordial é a beneficência. Queremos fazer o bem ao outro, atender às suas necessidades de saúde. Partindo desse princípio, tendo claro de que a atuação médica não dá conta desse universo, e isso é mais do que notório, acho que é contraproducente impor uma legislação que restringe, que tem uma conotação de defesa de mercado, uma conotação corporativa forte.

IHU On-Line – Na área da saúde, predomina a idéia de que o tratamento das questões de saúde não é exclusividade médica?

Élida Hennington - Não sei se eu afirmaria isso, tanto que está existindo esse movimento por parte da categoria dos profissionais médicos. Mas eu diria, numa visão mais geral no campo da saúde coletiva, do movimento sanitário, incluindo a população, que é um ator importante nesse processo, pois para ela é que se destina o tal ato médico, eu diria que essa idéia é uma coisa que já está assentada. É um movimento, um embate. Existem forças, uma luta de posições. Também não tenho uma visão maniqueísta de dizer que existem maus e bons, pecadores e santos, corporativos e não-corporativos. As outras profissões da área da saúde também têm os seus rasgos corporativos, suas defesas de mercado, e talvez isso resida no fato de que a saúde da nossa sociedade, muitas vezes, é vista como mercadoria, e o paciente como um cliente, alguém que vai obter um serviço prestado, numa sociedade de consumo, capitalista, como a nossa. Existe a necessidade, por parte das diversas corporações, de defenderem os seus mercados, a sua clientela, o seu lucro, a sua sobrevivência, o seu prestígio, o seu poder.

IHU On-Line - As demais categorias estão abertas à interdisciplinaridade, tal como se reclama que os médicos o façam?

Élida Hennington - Até por uma questão histórico-social, pois a medicina é uma profissão das mais antigas, as outras categorias são mais permeáveis. O médico sempre teve a aura de quase um Deus, de deter o poder, o conhecimento, a capacidade de prover a saúde das pessoas. Isso também está inculcado no imaginário social, e essas categorias acabam reagindo um pouco a partir disso. Não vejo por que, e é uma discussão que não faz mais sentido, pensar que se conseguirá algum sucesso terapêutico, de melhoria das condições de saúde de uma população, sem um trabalho multiprofissional, sem uma atuação interdisciplinar. Podemos aprender e trocar com as outras categorias da área da saúde. Isso é riquíssimo, frutífero e tem que ser feito de maneira respeitosa e integrada. Não consigo ver a necessidade de um limite tão rígido. Obviamente tem que haver alguma regulamentação, até mesmo nos códigos de ética e de conduta das profissões, no sentido de proteger o cidadão, o indivíduo que é o elo mais fraco da relação profissional-paciente, ou profissional-usuário.

IHU On-Line - A senhora considera que o ato médico, especialmente na área pública, pode retirar a autonomia do paciente?

Élida Hennington - Acho que, de certo modo, sim, porque, de acordo com a interpretação, pelo que eu consegui depreender do que eu li, tudo passaria primeiro pelo médico, que encaminharia o paciente para esse ou aquele profissional. As pessoas têm o direito de escolher a que tratamento querem ser submetidas, e com qual profissional querem consultar. Os Conselhos de cada uma das profissões têm que regulamentar e exercer um certo controle do exercício da profissão, mas as pessoas têm que ter autonomia e liberdade para escolherem o que lhes aprouver, o que for melhor para elas.

IHU On-Line - A senhora considera que a área da saúde em geral vinha se humanizando, que esse conceito de humanização vinha progredindo, sendo compreendido e aceito pelos profissionais?

Élida Hennington - Penso que sim. É uma construção. Lidamos na área da saúde com uma série de problemas de ordem econômica, social, entre outros, que influem inclusive no atendimento das pessoas nas unidades de saúde de um modo geral. Vem sendo desenvolvido todo um processo para tentar atingir o que consideramos o princípio da integralidade. Não no sentido restrito, de simplesmente oferecer atendimento, atenção curativa, preventiva em todos os níveis do sistema, mas no sentido de atender as necessidades do indivíduo e de vê-lo como um todo. Inclusive a medicina perdeu muito dessa capacidade. Ela foi fragmentando o indivíduo e perdeu a capacidade de observá-lo para além da dimensão puramente biológica. Isso vem sendo resgatado. É um processo, não ocorre de uma hora para outra, e tem vários fatores intervenientes. Mas é uma coisa que está sendo construída dentro do próprio Sistema Único de Saúde.

IHU On-Line - A senhora considera que o SUS vem sendo importante para isso?

Élida Hennington - Eu não tenho dúvida, até porque o SUS é resultado de uma norma constitucional, que diz que saúde é direito de todos e dever do Estado. A partir daí seguem todas as diretrizes e princípios que regem o sistema de saúde no Brasil.

IHU On-Line - Essa postulação do Conselho dos Médicos vai de encontro ao SUS, é uma espécie de contrariedade à forma de tratar a saúde expressada pelo SUS?

Élida Hennington - Sim, claramente sim, na medida em que o SUS busca romper essa visão clínica individual, médico-centrada, hospitalocêntrica, na medida em que, nos serviços de saúde, ou na rede de serviços públicos, por exemplo, as chefias podem ser exercidas por

profissionais não-médicos. Isso é uma coisa que esse projeto de lei também atinge, que é restringir, tornar exclusiva aos médicos as chefias, coordenações. O que, para mim, não faz muito sentido. Muito mais do que conhecimento técnico específico médico, para ser um bom chefe, alguém precisa ser um bom profissional, ser legitimado por isso, e ter o talento e a capacidade de ser um bom gestor, o que não, necessariamente, está ligado ao fato de ser médico. Na minha opinião, qualquer profissional da área da saúde pode gerenciar uma unidade de saúde, algo que ocorre no SUS e é absolutamente perfeito. Sendo a pessoa legitimada por sua competência e capacidade de gestão, isso é o que importa.

***IHU On-Line* – Submeterem-se à chefia de profissionais de outras categorias estaria incomodando os médicos?**

Élida Hennington - Não sei. O mais importante entre as categorias é elas aprenderem a trabalhar juntas, de forma respeitosa, integrada, buscando o bem do paciente e resolverem da melhor forma possível as questões amplas e complexas da área da saúde. Não deixa de ser um aprendizado. É algo rico para todas as partes.

***IHU On-Line* - Essa proposição significa uma reconceituação, um retrocesso na definição da profissão médico?**

Élida Hennington - Penso que sim. Está ligada a uma visão de mercado mesmo, de defesa de espaço, de clientela, de prestígio, de poder. Vejo por aí esse movimento da corporação médica.

***IHU On-Line* - Há algumas críticas que também apontam interesses mercadológicos, da indústria farmacêutica. A senhora acredita que isso também está presente?**

Élida Hennington - Não saberia dizer exatamente. Na medida em que as pessoas tentam impor esses limites muito rígidos, essa rigidez e essa prerrogativa, essa exclusividade para uma determinada categoria, isso não é saudável para o sistema, para a saúde da população, e pode dar espaço para privilegiar certo tipo de conduta que não seja a mais adequada, em prejuízo da conduta que vai dar origem a um sucesso terapêutico ou de atenção à saúde. Não vejo isso de forma positiva. Mas o debate é interessante. De certo modo, deu uma sacudida, porque trouxe para o centro da discussão questões que estão acontecendo. Nada surge do nada. Se esse projeto de lei foi formulado é porque existe um movimento de pessoas que estão defendendo essa posição. É preciso que isso seja alvo de um amplo debate.

***IHU On-Line* - A senhora acredita que há alguma possibilidade desse ato médico ser aprovado?**

Élida Hennington - Creio que não. Já está tendo uma resistência grande das outras categorias profissionais e da própria área da saúde. Se não me engano, ele já foi rejeitado na última conferência nacional de saúde, exatamente por ir contra uma série de princípios e diretrizes do SUS.

***IHU On-Line* - O leigo tem a impressão de que tudo vinha muito bem, que as profissões conviviam em uma certa harmonia. Surge a proposta do ato médico E passa-se a ter outra visão. Pode-se dizer que a saúde coletiva, no Brasil, estava bem encaminhada, que isso é um obstáculo que surge?**

Élida Hennington - Essa discussão que foi gerada por causa desse projeto de lei é interessante, porque nos faz refletir sobre o tema. Traz à cena uma série de atores que estão nesse jogo, são forças sociais e políticas que estão atuando, que têm interesses, e são muitos, envolvidos, da indústria, de hospitais, de corporações. De certo modo, o debate traz isso mais

às claras, o que é interessante. O SUS, a saúde pública, a saúde coletiva, têm tido vários avanços, ainda está em processo de construção, não é fácil. A saúde ainda é vista e tratada como mercadoria muitas vezes. Isso vai servir para a discussão e aprimoramento de todo esse arcabouço, que esperamos um dia resultar na melhoria das condições de saúde e de vida da nossa população.

IHU On-Line - Que outras considerações a senhora gostaria de fazer?

Élida Hennington - Ao invés de pensarmos em ato médico, deveríamos pensar em ato de saúde. Para quem é esse ato de saúde e qual o seu objetivo? No final das contas, o grande interessado dessa história é o cidadão, a população. Nós somos prestadores de serviços à população. Temos que pautar nossa atuação por suas necessidades.

ATO MÉDICO: PARA QUE E PARA QUEM?

Por Élida Azevedo Hennington

Fui chamada a opinar sobre o que tem me parecido, vindo de longe, uma espécie de guerra de corporações. De um lado, médicos e a defesa do Projeto de Lei (PL) nº 25 de 2002 que define e regulamenta o ato médico e de outro, os conselhos de 13 profissões que também atuam na área da saúde: enfermagem, nutrição, psicologia, farmácia, fisioterapia, terapia ocupacional, educação física, serviço social, fonoaudiologia, odontologia, técnicos de radiologia, biologia e biomedicina, contra o tal projeto.

Examinando o projeto de lei, observo que ele afirma (Art. 1º, § único) serem atos privativos de médico a **formulação de diagnóstico médico** e a **prescrição terapêutica das doenças**. Afirma ainda que são privativas de médicos (Art. 3º) as **funções de coordenação, chefia, direção técnica, perícia, auditoria, supervisão e ensino, vinculados, de forma imediata e direta, a procedimentos médicos**. Entendo serem estes os alvos da polêmica.

Consultando documento do Conselho Federal de Medicina (Resolução nº 1.627/2001) que deu origem a tal PL, verifico que ele, em certo momento, aponta a questão da beneficência como uma exigência nas profissões, e nas de saúde em particular. E gostaria de começar por aí a minha reflexão a respeito do tema.

Ora, a beneficência nada mais é do que “ato, prática ou virtude de fazer o bem, de beneficiar o próximo” (Houaiss, 2001), e surge, então, uma questão fundamental que é pensar sobre a quem se destina o ato médico e qual o seu objetivo.

Este projeto de lei traz de volta uma visão há muito superada no âmbito da Saúde Coletiva, qual seja a de um modelo de atenção à saúde centrado no atendimento médico, curativo, individual e hospitalocêntrico. As diretrizes do SUS e da própria Constituição Brasileira nos dizem que “saúde é direito de todos e dever do Estado”. Toda a discussão no campo da Saúde Coletiva preconiza o princípio da integralidade, não só como conjunto de ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos em todos os níveis do sistema mas, e principalmente, como princípio que traz a noção de justiça, solidariedade, equidade no âmbito mais geral, e da abordagem do paciente/usuário como um todo, apreendendo e atendendo suas necessidades mais amplas, e não simplesmente as dimensões exclusivamente biológicas; integralidade esta que repercute diretamente na forma de organização dos serviços e das práticas.

Então, considerando que o objetivo último dos atos de saúde, não só do ato médico, é promover o bem da pessoa humana e o atendimento de suas necessidades de saúde, torna-se difícil aceitar que este objetivo possa ser restrito e exclusivo de determinada categoria de profissionais ou corporação da área de saúde. O processo saúde-doença vai além da medicina e de qualquer outro campo do conhecimento específico da área de saúde – ele é muito maior,

muito mais imbricado, sem fronteiras nítidas, muito mais instigante, um processo em que as diversas disciplinas isoladamente não são capazes de dar conta de seus determinantes e condicionantes, num campo em que a aquisição de conhecimento se expande e se reconfigura a cada momento. Isso já está mais do que provado. Não é possível nem aceitável, a meu ver, estabelecer códigos rígidos em que os limites são tênues e mutantes.

Observa-se que essa empreitada de fazer o bem e atender às necessidades de saúde das pessoas torna-se muito mais rica e profícua, quando se rompem essas barreiras corporativas e os profissionais se propõem a trabalharem juntos, de forma integrada e respeitosa. A experiência tem nos mostrado que a atuação interdisciplinar e as equipes multiprofissionais alcançam muito mais êxito, muito mais sucesso na resolução de problemas de saúde. E por que não aprender, trocar vivências, conhecimentos e experiências com as outras profissões? E, objetivamente, será que um médico recém-formado sabe mais do que uma boa enfermeira com anos de profissão?

Por outro lado, diagnósticos são feitos não só pelos médicos e também existem prescrições terapêuticas não-médicas que repercutem positivamente sobre a saúde do paciente. Qualquer médico sabe disso. As pessoas sabem disso e por isso, muitas vezes, procuram outros profissionais de saúde que não o médico para tratarem de seus males. O exercício profissional deve ser regulamentado e deve ser objeto de códigos de ética e de conduta, visando a proteger o cidadão, o elo mais frágil da relação profissional-paciente. Mas nunca no sentido de limitar a atuação de outras categorias profissionais, num movimento claramente corporativo e de defesa de mercado e contra, até mesmo, a realidade que se impõe.

Quanto à questão do exercício de coordenação e chefias de serviços de saúde, o que deveria direcionar a escolha dos profissionais para assumirem esses cargos é sua competência, especialmente como gestor. Creio que se pode gerenciar e chefiar bem um serviço, sendo médico, enfermeiro, psicólogo ou tendo qualquer outra profissão da área de saúde. De modo geral, as chefias e coordenações são legitimadas ou não pelo modo como conseguem resolver conflitos e equacionar problemas de planejamento, organização e gestão do serviço. E isso não é prerrogativa dos médicos. Na minha opinião pessoal, um bom chefe é aquele que alia a competência profissional com o talento ou a capacidade de gestão, não necessariamente, aquele que detém o conhecimento técnico da área médica.

É bom salientar que neste imbróglio não devemos assumir uma visão maniqueísta, de bons e maus, certos e errados, santos e pecadores. Vivemos numa sociedade em que saúde é mercadoria. Provavelmente, reside aí o cerne de toda essa discussão. As categorias profissionais disputam terreno, clientela, mercado de trabalho, prestígio, poder. A questão do poder sempre perpassando tudo nos ensina Foucault e nos incita Castor Ruiz, professor desta casa. O importante é que o debate se faça e se amplie. E que estejam, no centro dessa discussão, as pessoas, que a população seja o objetivo final, não do ato médico, mas de atos de saúde.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“O ATO MÉDICO É UMA IDÉIA DE PROFISSIONAIS QUE ESTÃO DISTANTES DA REALIDADE”.

Entrevista com Maria da Graça Piva

“O problema é que os médicos reivindicam exclusividade para algumas funções. A área da saúde abrange 15 profissões, e não se pode admitir a exclusividade médica para consultas, diagnósticos, prescrições. Na realidade, esse é o único ponto que está em discussão: a privatização de determinadas atribuições que são comuns a todas as áreas”, enfatiza Maria da Graça Piva, pesquisadora e professora na graduação e pós-

graduação da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), de Canoas, desde 1986. A professora é graduada em Enfermagem pela Unisinos e doutora em Biologia/Botânica pela Universidade de Léon, da Espanha, é membro da Comissão Estadual de Plantas Mediciniais, fundadora e presidente da Sociedade Brasileira de Enfermagem em Terapias Alternativas, presidente do Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul (Coren) e do Conselho Federal de Enfermagem. É também diretora e sócio-fundadora da Escola Técnica de Enfermagem São Francisco de Assis, de Caxias do Sul, e membro da Associação Brasileira de Especialistas em Enfermagem, de São Paulo. Ela concedeu a entrevista a seguir, por telefone, ao **IHU On-Line**, na qual dá a posição do Coren sobre o ato médico.

IHU On-Line – Qual é a posição dos profissionais de enfermagem sobre o ato médico, tal como ele está sendo proposto pelas entidades representativas dos médicos?

Maria da Graça Piva – Nós sempre fomos a favor de que o ato médico seja definido, pois a medicina não tem uma legislação federal. Muitas vezes, na hora de atender o cliente, é complicado estabelecer o que cada um dos profissionais de saúde deve fazer. O problema é que os médicos reivindicam exclusividade para algumas funções. A área da saúde abrange 15 profissões, e não se pode admitir a exclusividade médica para consultas, diagnósticos, prescrições. Na realidade, esse é o único ponto que está em discussão: a privatização de determinadas atribuições que são comuns a todas as áreas. Por exemplo: quando um cliente anêmico procura uma nutricionista ela vai prescrever uma dieta, e solicitará, provavelmente, algum medicamento e exames. À enfermeira cabe acompanhar o cliente para o qual o médico fez uma prescrição, em um hospital. Se o profissional de enfermagem não tem conhecimentos sobre a medicação, suas finalidades, sobre a doença, os exames que devem ser feitos, a pessoa pode piorar, e o enfermeiro terá que esperar até o outro dia para fazer uma revisão. Por isso é necessário que os outros profissionais da área da saúde conheçam medicação, diagnóstico e possam atuar junto com o médico.

IHU On-Line – É usual referir-se aos pacientes como clientes, assim como a senhora está fazendo?

Maria da Graça Piva – Sim. Paciente, na definição dos dicionários, é uma pessoa que senta e espera. A expressão “paciente” é do século XVI, quando não havia hospital, a pessoa precisava esperar em casa o atendimento médico. Hoje essa conotação não existe mais. Trata-se de uma pessoa da comunidade que tem consciência dos seus direitos, reivindica. Ela é cliente do sistema de saúde, não quer dizer que esteja comprando uma mercadoria, nem estamos vendendo nada para ela. As pessoas são clientes na medida em que são usuárias do sistema, têm direitos, assim como nós temos deveres em relação a elas.

IHU On-Line – As atribuições das demais profissões não estão delimitadas pelas suas regulamentações?

Maria da Graça Piva – Sim, muito bem delimitadas e legisladas. No caso da enfermagem, que possui uma das legislações mais completas, as atribuições estão caracterizadas detalhadamente, seus limites de competência. Tal como está hoje o projeto do ato médico, uma pessoa deve consultar obrigatoriamente um médico antes de procurar um nutricionista, um psicólogo. E nem sempre isso é necessário. E os profissionais das áreas da saúde têm competência para saber se poderão atender sozinho determinado cliente ou se o atendimento dependerá também de uma avaliação médica. Se essas prerrogativas forem retiradas, se o projeto for aprovado como está, nem multiplicando por dez o número de médicos no Estado conseguiríamos atender todas as pessoas. Hoje, para conseguir uma consulta médica pelo SUS, demora muito tempo, dependendo do município. Por exemplo: dermatologia, no Hospital

de Clínicas [Porto Alegre] se demora dois anos para conseguir uma consulta pelo SUS. Não há médicos suficientes, pelo menos na rede pública, para atender a clientela. E nós, bem como os profissionais das outras profissões, temos competência técnica, estudamos... Parece-nos que se trata de uma preocupação com a reserva de mercado e não com a clientela.

***IHU On-Line* – O presidente do Conselho Regional de Medicina diz o contrário, sustenta que a definição do ato médico ampliaria o acesso da população aos médicos e refere-se, inclusive, ao apedrejamento de uma unidade de saúde, em Porto Alegre, pela população, quando ela soube que estava sendo atendida por enfermeiros, e não por médicos. A senhora tem conhecimento disso?**

Maria da Graça Piva – Ele já declarou isso em outras entrevistas, mas não comprovou nada. A verdade é que a realidade tem mostrado o contrário. Há enfermeiros em todos os postos de saúde, 90% dos postos são dirigidos por enfermeiros, e os clientes procuram consultar muito mais com os enfermeiros do que com os médicos. Geralmente os médicos têm cinco ou seis empregos, enquanto o enfermeiro tem dedicação exclusiva, seleciona quem de fato deve ir para o médico, essa pessoa já vai com os exames. Como os enfermeiros têm mais tempo para oferecer uma consulta holística, a tendência é a de que o cliente procure mais o enfermeiro do que o médico. Acho que isso está assustando um pouco os médicos. Mas trata-se de um trabalho de equipe, respeitando a competência de cada um e distribuindo os respectivos tempos de trabalho e atividades. Todos os profissionais têm valor para a equipe. E não existe a preocupação de tomar o lugar do médico. Parece que é isso que os médicos temem, nos últimos 20 anos surgiram muitas profissões novas e que já foram regulamentadas. Educação Física, Fonoaudiologia, Fisioterapia, já têm os seus Conselhos. Novos profissionais que assumiram novos papéis nas equipes de saúde, uma área que já chegou a ser de domínio exclusivo dos médicos.

***IHU On-Line* – A senhora acredita que a abordagem praticada pelos profissionais de enfermagem, no tratamento dos problemas de saúde, é bem diferenciada da oferecida pelos médicos?**

Maria da Graça Piva – Nós ficamos com o cliente 24 horas, o médico não fica, precisa ir para o seu consultório, vai para as cirurgias, para outros hospitais. Isso não está errado, é uma característica da profissão dele. Uma das peculiaridades da nossa profissão é atender o cliente de modo integral. Há uma diferença, não dá para negar. Temos mais tempo para nos preocuparmos com a interação do cliente. Dependendo da situação, o médico também participa dessa interação, mas não tem como ficar 24 horas, por isso esse referencial proporcionado pelo enfermeiro é muito importante para o cliente, que recebe um atendimento diferente. Nesse caso, o sentido da expressão “clientela” não é comercial.

***IHU On-Line* – O convívio entre as categorias profissionais tem sido tranquilo?**

Maria da Graça Piva – Digo, com certeza absoluta, uma coisa: os novos médicos não têm essa postura que o Conselho de Medicina vem representando. Acho que há um pouquinho de “ranço” nas pessoas que não se atualizaram, muitas delas não têm especialização, mestrado, doutorado. Elas estão distantes da realidade, mas o médico que está diretamente na assistência, junto com o enfermeiro, tem se integrado muito bem.

***IHU On-Line* – O sistema de saúde brasileiro está no caminho certo?**

Maria da Graça Piva – Sim, houve uma modificação no conceito de saúde no País. Os programas de saúde da família, por exemplo, como os desenvolvidos pela Prefeitura de Porto

Alegre, onde já trabalhei, deram uma cara nova para a saúde. Os investimentos têm sido feitos muito mais na área preventiva, impedindo que as pessoas adoçam, do que na área curativa, hospitalar. Isso é uma mudança radical que está sendo implantada aos poucos. Nos últimos dez anos, houve uma mudança sensível no panorama da saúde brasileira. Mas precisamos de mais dez anos para colher os frutos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Entrevista da semana

"HÁ MUITAS BARREIRAS PARA OS JOVENS DESTA SOCIEDADE"

Entrevista com Néstor García Canclini

Traduzimos e reproduzimos a entrevista com Néstor Canclini, publicada no jornal **Página/12**, em 29 de setembro de 2004. Em suas respostas, o filósofo e antropólogo explica a abrangência de **Diferentes, desiguais e desconectados**, um conjunto de ensaios que analisa o modo como as culturas juvenis constituem suas diferenças. Néstor García Canclini é argentino e reside no México desde 1976. É uma das figuras mais influentes do mundo hispânico no campo dos estudos culturais. É doutor em Filosofia pela Universidade de Paris e foi professor nas Universidades de La Plata e Buenos Aires. Desde 1976, reside no México, onde iniciou suas pesquisas no campo da Antropologia. Diretor do Programa de Estudos sobre Cultura Urbana na Universidade Autônoma do México, onde é professor e pesquisador, García Canclini publicou, entre outros livros, **Consumidores e cidadãos**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001; **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003; e **A Globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003. Reproduzimos na 78ª edição do **IHU On-Line**, de 6 de outubro de 2003, a orelha do livro **A globalização imaginada**. Sobre o livro **Diferentes, desiguales y desconectados** (*Diferentes, desiguais e desconectados*), publicado no México, pela Editorial Gedisa, neste ano, veiculamos um artigo de Canclini na 117ª edição do **IHU On-Line**, de 27 de setembro de 2004.

“Se não conheces a resposta, discute a pergunta.” Esta frase, que pertence ao antropólogo Clifford Geertz, funciona como epígrafe do novo livro do Néstor García Canclini, **Diferentes, desiguais e desconectados**, um conjunto de ensaios que acaba de publicar pela Gedisa. A epígrafe orienta a discussão que o investigador cerca, com a trajetória recente da antropologia cultural, a sociologia de Bourdieu e as teorias da comunicação. O problema que enfrentam as sociedades contemporâneas, assinala o autor, é mais de “explosão e dispersão das referências culturais, que de homogeneização”. Ante este complexo panorama de proliferações, o filósofo e antropólogo argentino evita dois dos vícios do pensamento pós-moderno: a exaltação indiscriminada da fragmentação e o nomadismo; prefere escorar novos horizontes teóricos sob uma perspectiva transdisciplinar e intercultural. Experimenta-o e o põe a prova ao analisar as culturas juvenis, as sociedades do conhecimento e o cinema latino-americano.

A transdisciplinaridade

Néstor García Canclini dirige a coleção *Culturas*, da editora Gedisa, que já publicaram, entre outros títulos, **Cidadãos mediáticos**, de Rosalía Winocur; **O recurso da cultura**, de George Yúdice; e **Ensamblando culturas**, de Luis Reygadas. “Ainda que possam ter uma inscrição

disciplinadora, estamos publicando uma série de trabalhos que se destinam a outros saberes. Além disso, o que fazemos é combinar autores de alto prestígio internacional, como Yúdice ou Toby Miller, com autores latino-americanos mais jovens, que, com seu trabalho, estão renovando o pensamento das ciências sociais”, esclarece o antropólogo argentino sobre esta coleção, que tem como objetivo ocupar um lugar intermediário entre o tratado especializado e a difusão maciça de conhecimentos.

Página/12: Prevalece a transdisciplinaridade?

Canclini: Sim, mas não acredito que a transdisciplinaridade substitua o disciplinador. Minha opinião é que convém formar-se em licenciatura e depois, na pós-graduação, procurar a relação inter ou transdisciplinar. Mas deveríamos encontrar formas de abrir para outras correntes e outros modos de trabalhar empírica e teoricamente nos níveis primários de formação disciplinar. Acredito que, para entender o que acontece, qualquer tema da sociedade requer, de alguma forma, da transdisciplinaridade.

O que implica hoje para os jovens estar desconectados?

Tem vários sentidos: um é desconectar-se do mundo dos adultos e construir seu próprio espaço entre gerações. Outro sentido é construir esse espaço entre gerações por meio de conexões preferenciais, não isolar-se, mas conectar-se de outra maneira, com outras páginas *web*, conversar virtualmente ou relacionar-se em mais línguas, ouvir mais músicas, constituir suas diferenças por meio de conexões e desconexões. Um terceiro sentido é o que consagrou a música *unplugged*, desconectar do mercado, da tecnologia comum, e criar formas próprias, ou que aparentem sê-lo, longe de quem quer dominá-los. Uma boa parte das culturas juvenis, na atualidade, se move entre estes sentidos oscilantes, entre conexão e desconexão. Mas é preciso ver também o que acontece com os desconectados estruturais, que não são desconectados porque querem, mas porque não os deixam ingressar no mercado de trabalho, não têm moradias, porque são meninos ou adolescentes da rua e não podem ingressar em um concerto por causa do preço dos ingressos. Há muitas barreiras para os jovens nesta sociedade excludente.

A globalização apela aos jovens trabalhadores e consumidores, mas paradoxalmente seu futuro como trabalhadores é sombrio: devem capacitar-se mais para conseguir empregos mais precários. Pode-se reverter este círculo vicioso?

É um tema chave, porque, às vezes, se diz, com demasiada facilidade, que “os jovens só vivem o presente”, que “não têm memória”, que “não pensam no futuro”. Uma análise que faço no livro é que a sociedade está estruturada para este tipo de “presentismo”. Os políticos vivem no contexto e não querem pensar em estruturas de média e longa duração. Mas ao mesmo tempo, a economia, sub-reticiamente, disciplina-nos para que tenhamos uma vida estável: nos oportuniza pagar o automóvel em quarenta prestações, e a casa em quinze anos, e o endividamento programado dos cartões de crédito são formas de disciplinamento moral do estilo de vida. Trata-se de pensar como a sociedade organizada de um modo estável, especialmente a economia, até nos períodos de instabilidade, diferente da política, quase sempre oportunista, que joga com a conjuntura. No meio fica a cultura como a zona talvez em que a inatividade é maior, em que os estilos de vida, os costumes e os hábitos lingüísticos são mais perseverantes. Voltamos para o velho tema da sociologia das vanguardas: como se articulam inovação e continuidade social. Parece-me que as rupturas das culturas juvenis nos ajudam a refletir sobre esta tensão que não desaparece.

Trocaram as formas de intervenção juvenil na esfera pública durante os anos 1990?

Uma socióloga mexicana, Rossana Reguillo, estudou a Pesquisa Nacional de Juventude que se fez no México faz quatro anos e observou que os jovens aderem mais a causas que as organizações. Pareceria uma característica internacional suspeitar dos partidos, das burocracias e estar disposto, pelo menos um setor, a aderir a causas ecológicas, indígenas ou movimentos urbanos, mas são causas que interessam como gesto ou presença, ainda que sejam transitórias. Quando se burocratizam, quando adquirem formas mais institucionais, tornam-se não-confiáveis..

As relações entre os diferentes mercados cinematográficos**Que estratégias podem adotar os países latino-americanos para rebater a força oligopólica do cinema norte-americano?**

O financiamento estatal, como fazem os franceses, mas não é suficiente. Os estadunidenses têm muito claro o papel decisivo da distribuição e da exibição, por isso compraram salas de cinema e pressionam para que passem seus filmes em pacotes, não só os grandes sucessos, mas também filmes de péssima qualidade. Há várias posições em debate: proteger-se com um número mínimo de filmes exibidos nas salas ou haver circuitos de distribuidores e exibidores nacionais que recebam isenções fiscais, como de fato ocorre nos Estados Unidos, que exigem que o cinema, nos países do Hemisfério Sul, seja totalmente livre para seus filmes e que não haja nenhum tipo de proteção. Um dos pontos chave é a relação do cinema com a educação. Em muitíssimas escolas, a mídia está ausente, criando um abismo entre a vida cotidiana dos estudantes e sua tarefa escolar. Uma escola deveria ter uma boa biblioteca e uma boa videoteca. Não existem uma ou duas receitas. Com este conjunto de ações, poderíamos melhorar bastante a situação, mas teríamos que usar estratégias múltiplas.

Em que momento a América Latina tomou consciência da importância de suas produções locais?

A partir da metade dos anos 1990 começa a desvanecer-se a hegemonia excludente do pensamento único e nos damos conta de que o neoliberalismo não é a solução, que a abertura irrestrita do mercado de bens materiais e simbólicos não é a forma como os países se desenvolvem, que as assimetrias e desigualdades se acentuam. Então, começamos a pensar na necessidade de proteger a produção endógena, em criar espaços locais e nacionais. No México, na Argentina e no Brasil, existem discrepâncias entre o Ministério da Economia, que segue propiciando a abertura indiscriminada para todos os bens, e os setores culturais e educativos, que defendem uma diferenciação dos bens culturais, a mal chamada “exceção cultural”, que, na realidade, deve ser vista como uma defesa da diversidade.

A televisão: Instrumento de conservadorismo social**Qual é o papel da TV na difusão de culturas juvenis?**

Comporta-se de maneira diferente: a televisão aberta e gratuita tende a procurar clientelas maciças e a tornar mais conservadora a inserção social dos jovens. Mesmo que a televisão seja estridente, provocadora e um pouco pornô, finalmente está acostumada a acabar o dia com uma mensagem edificante no que diz respeito a restabelecer a unidade familiar e a ordem nas ruas, ao criticar os que a perturbam com uma manifestação. A televisão por cabo está acostumada a oferecer mais possibilidades de conexão. Canais como MTV se adaptam às culturas locais e dão um pouco mais de lugar, se não são tão comerciais, à inovação. Mas, em

geral, a televisão é um grande instrumento de conservadorismo social e de neutralização de outras experiências, que precisaremos buscar em áreas distintas do tecido social ou da vida urbana.

Onde?

Em Buenos Aires, no circuito de teatro, na música que não chega à televisão, mas que está em lugares aos quais podemos assistir pessoalmente, em experiências de artistas que estão voltando para as ruas, em um registro diferente do dos anos 1960 ou 1970, ou em ações políticas que adotam o estilo de performances artísticas e que se nutrem das experiências de reordenamento sensível do social.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Livro da semana

O LEGADO DE UM BIÓLOGO INCÔMODO

A última grande obra do cientista Stephen Jay Gould, **The Structure of Evolutionary Theory** (A estrutura da Teoria da Evolução). Cambridge MA: Harvard Univ. Press, 2002 é uma reformulação do darwinismo e sua história. Um texto acessível a todo leitor interessado pela evolução. O artigo que segue foi escrito por Javier Sampedro e publicado no jornal **El País**, em 26 de junho de 2004. Na próxima edição do evento **Abrindo o livro**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU -, dia 5 de outubro, a professora Dr.^a Tânia Lindner Dutra, do PPG em Geologia da Unisinos, apresentará o livro **Vida maravilhosa**, de Stephen Jay Gould. Confira, neste número, a entrevista da Prof.^a Dr.^a Tânia Lindner Dutra, na editoria Eventos IHU, e um artigo na editoria Memória.

É fácil recordar que Stephen Jay Gould (1941-2002) foi um dos evolucionistas mais destacados do século XX e um dos raros cientistas que souberam prender o leitor. Também é fácil informar que esta obra, publicada em inglês dois meses antes de sua morte, é seu grande legado intelectual, clímax de mais de 30 anos de exploração da inatingível e acidentada geografia do pensamento darwiniano. O difícil vem agora: a quem se pode recomendar, sem ruborizar, um livro científico de 1.426 páginas?

Em primeiro lugar, naturalmente, aos leitores do Gould, que são uma legião, mas só depois de uma advertência. O cientista é conhecido, sobretudo, por seus ensaios de divulgação - o último, **Era uma vez a raposa e o ouriço**, acaba de ser publicado pela editora Crítica -, e **A estrutura da teoria da evolução** não pertence a essa categoria. O livro, que é, por sua vez, uma erudita história do pensamento evolucionista, uma revisão crítica da teoria de Darwin e uma ambiciosa proposta para reformá-la, é dirigido, principalmente, aos especialistas nessa matéria.

Mas Gould insistiu sempre em que ele escrevia da mesma forma para os cientistas e para os leigos, e dizia a verdade. Inclusive seus artigos técnicos são um exemplo de clareza e bom estilo. O autor, de fato, é um dos pioneiros do que se poderia chamar de divulgação interdisciplinar, um gênero que está no auge na literatura científica e que está triunfando onde os programas de estudos fracassam cada vez mais: em oferecer aos especialistas um panorama compreensível de um material sem ligação com outra disciplina.

Essa, talvez, foi a maior contribuição do Gould à biologia evolutiva. Suas idéias foram, e seguem sendo, muito discutidas, e só o tempo dirá quais delas sobreviverão ao implacável escrutínio dos dados, mas se houver algo que ninguém lhe pode negar é que conseguiu atrair

para o campo da evolução uma nova geração de cientistas de outras áreas - geneticistas, biólogos moleculares, bioinformáticos - que, por se não tivessem lido Gould, teriam permanecido ligados à sua árvore e alheios ao bosque circundante.

O leitor em geral se pode beneficiar dessa obra científica transparente, muito interessante, cheia de detalhes históricos e de contexto cultural. A estrutura da teoria da evolução, por mais elevadas que sejam suas ambições teóricas, pode ser compreendida por qualquer leitor inteligente e desfrutada por qualquer pessoa interessada na aventura intelectual de seu tempo.

O evolucionismo em três pontos

A proposta de Gould para o evolucionismo do século XXI se pode resumir em três pontos. Em primeiro lugar, a seleção natural - o motor da evolução descoberto por Darwin há um século e meio - não consiste na competição entre indivíduos. Quem compete são, às vezes, genes; às vezes, indivíduos; às vezes, populações; e, às vezes, espécies inteiras. Segundo, a seleção natural não é o único motor da evolução. O genoma tem sua dinâmica interna e faz propostas interessantes por sua conta, sem que a adaptação ao entorno local (que é o fundamento do darwinismo clássico) tenha um papel preponderante. E, em terceiro lugar, a evolução nem sempre é uma transição suave, contínua e gradual. As exceções mais conhecidas são as extinções maciças, que podem ser causadas por acontecimentos drásticos e imprevisíveis, como o impacto de um gigantesco meteorito. As três idéias são polêmicas entre os especialistas, mas esta é a marca de fábrica das vanguardas científicas.

Este resumo, certamente, não faz justiça ao livro. "Deus habita nos detalhes", repetia Gould de modo incessante, e os detalhes são os verdadeiros protagonistas desta obra. Pouca gente a lerá inteira, mas o mesmo aconteceu com **A origem das espécies**, e depois de 145 anos continuamos a discutir o livro de Darwin.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Memória

STEPHEN JAY GOULD 1941 - 2002

*Na semana em que estudaremos o livro **Vida Maravilhosa**, de Stephen Jay Gould, fazemos, neste número, a sua memória, reproduzindo um artigo publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, de 21 de maio de 2002.*

Stephen Jay Gould foi, talvez, o mais influente e mais conhecido biólogo evolucionista desde Charles Darwin ao desafiar os cientistas a repensarem padrões e processos evolutivos. Sua importância é ter trazido a perspectiva paleontológica perdida ao *mainstream* evolutivo.

Stephen Jay Gould, nascido em 10 de setembro de 1941, em Nova York, deu seus primeiros passos na direção da carreira de paleontólogo, quando tinha cinco anos, quando fez uma visita ao Museu Americano de História Natural, acompanhado por seu pai, um estenógrafo de tribunal.

"Eu sonhava me tornar um cientista, particularmente, um paleontólogo, desde que o esqueleto do tiranossauro me encantou e me apavorou", escreveu ele certa vez. Com uma infância e uma adolescência cheia de fósseis e de Yankees, ele estudou na Escola Pública 26 e na Jamaica High School. cursou Geologia no Antioch College, em Ohio.

Mudanças repentinas

Em 1967, ele concluiu o doutorado em Paleontologia, na Universidade Columbia e foi lecionar em Harvard, onde ele exerceria a sua profissão pelo resto de sua vida. Mas foi na escola de graduação que Gould e um colega, Niles Eldredge, um paleontólogo do Museu Americano de História Natural, começaram a plantar a semente do mais famoso dos debates que ele iniciou.

Ao estudar o registro fóssil, os dois estudantes não encontraram a mudança gradual e contínua nas formas fósseis que lhes ensinaram, que seria o material da evolução. Em vez disso, eles encontraram aparições repentinas (no tempo geológico) de novas formas de fósseis, seguidas por longos períodos em que esses organismos mudaram bem pouco.

Os biólogos evolutivos sempre atribuíram essas dificuldades à famosa incompletude do registro fóssil. Então, em 1972, os dois propuseram a teoria do equilíbrio pontuado, que sugeria que tanto as aparições repentinas quanto a falta de mudanças eram reais.

Segundo a teoria, houve longos períodos de tempo, algumas vezes milhões de anos, durante os quais as espécies mudavam pouco. Intermitentemente, novas espécies surgiam e havia uma rápida mudança evolutiva em uma escala de tempo geológica (ainda interminavelmente lenta para escalas de tempo humanas), resultando em uma súbita aparição de novas formas no registro fóssil. Ou seja, pontuações de mudança rápida contra um fundo de equilíbrio constante, daí o nome da teoria.

Arquitetura

Gould e Richard Lewontin, também de Harvard, logo trabalharam sobre a importância de como os organismos são construídos, ou sua arquitetura, em um famoso estudo sobre uma característica das construções conhecidas como tímpanos.

Os tímpanos, espaços nos cantos sobre um arco, existem como um desfecho necessário da construção sobre arcos. Do mesmo modo, eles argumentavam, certas características dos organismos existem apenas como resultado de como um organismo se desenvolve ou é construído. Logo, os cientistas deveriam evitar assumir que toda característica existe por algum propósito adaptativo.

Gould também foi atacado por críticos vorazes e importantes. Alguns desses cientistas acusaram suas teorias, como o equilíbrio pontuado, de serem tão maleáveis e difíceis de definir que eram essencialmente intestáveis.

Depois de proclamar certa vez que Gould havia trazido a paleontologia de volta à alta roda da teoria evolutiva, John Maynard Smith, da Universidade de Sussex, no Reino Unido, escreveu que outros biólogos evolutivos “tendem a vê-lo como um homem cujas idéias são tão confusas que raramente vale a pena se preocupar com elas”. Às vezes, essas críticas caem na chamada “Gould-pataquada”, em que as acusações são tão pessoais quanto intelectuais. O equilíbrio pontuado, por exemplo, já foi chamado de “evolução para idiotas”.

Alguns cientistas, que estudam evolução das espécies em menor escala, chamados de microevolucionistas, rejeitam seus argumentos de que há características singulares para a grande escala, ou macroevolução. Em vez disso, eles dizem que a macroevolução é nada mais que a microevolução agindo sobre longos períodos. Outros o criticam por defender teorias que desafiam partes do escopo moderno darwinista, um ato que alguns vêem como ajuda e aprovação aos criacionistas, mesmo tendo Gould sido um oponente visível aos esforços de tirar a evolução das salas de aula.

A maioria das pessoas conhecia Gould como um ensaísta divertido. A ele foi atribuída a salvação da arte moribunda do ensaio científico, ao contar histórias de *insight* científico,

juntando idéias ou coisas não-relacionadas (ele começou um ensaio juntando Abraham Lincoln e Charles Darwin, ao notar que os dois nasceram no mesmo dia).

Gould também popularizou idéias evolutivas em Harvard. Algumas vezes, suas aulas ficavam lotadas. Mas enquanto suas histórias de aventura tipicamente aconteciam na biblioteca, colegas diziam que Gould, cuja especialidade eram moluscos Cerion, das Bahamas, também era bom no trabalho de campo.

Certa vez ele escreveu: “Adoro o amargo mote da Sociedade Paleontológica (tanto literal quanto figurativamente, para os marteladores da principal ferramenta de nosso negócio): *Frango ut patefaciam* -eu quebro para revelar”.

A obra de Stephen Jay Gould

Ele é autor de inúmeros livros. Citamos alguns. Primeiramente, o livro que será apresentado nesta semana: ***Wonderfull life***. WW Norton, 1999, traduzido para o português pela Companhia das Letras em 1990, sob o título ***Vida Maravilhosa***. O livro está esgotado. Em segundo lugar, citamos o livro acima resenhado, ***Structure of evolutionary theory***. Belkna Press, 2002.

Em português, citamos: ***Pilares do tempo***. Companhia das Letras, 2003; ***O sorriso do flamingo***. Martins Fontes. 2004; e ***O polegar do panda***. Martins Fontes. 2004.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

O voto evangélico

Quando o PL fez um acordo com o então candidato à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002, o País e o mundo entenderam o significado - a aliança dava a Lula um aval da economia de mercado. Mas, junto com o PL, vinha a Igreja Universal do Reino de Deus e, dentro dela, ninguém entendia nada. “Foi uma hecatombe”, comenta o professor Flávio Pierucci na reportagem publicada pelo jornal ***O Estado de S. Paulo***, 26-9-04. Os fiéis da igreja, que em 1989 tinham votado em Fernando Collor “inspirados no Espírito Santo”, e em 1994 e 1998 foram encharcados por um discurso conservador e paranóico - que os advertia a não votar em candidatos de esquerda (porque eles eram ateus e antirreligiosos) -, não entenderam nada. Pierucci acha que o bombardeio dos evangélicos contra o candidato Lula foi um vetor importante para derrotá-lo em 1989, 1994 e 1998, porque concentrou o voto contrário de 15% da população. Para ele, as igrejas evangélicas eram convincentes, quando pregavam o voto contrário ao PT, porque carregavam na argumentação de fundamento religioso. Mas o professor duvida de que a guinada dessas igrejas, a partir de 2002, aconselhando o voto no PT, tenha tido resultado eficaz. A guinada confundiu os fiéis por duas razões. A primeira foi a incoerência de mandar votar em quem era rigorosamente condenado em eleições anteriores; a segunda foi provocada pela mudança de conceito no discurso de convencimento - do religioso para o político. À época, o acordo da Universal com o PT já trazia o germe do superdimensionamento que os evangélicos sempre repetem em épocas eleitorais: o antigo “bispo” Rodrigues, hoje defenestrado da igreja, convenceu o hoje ministro José Dirceu de que a Universal tinha 8 milhões de adeptos no País, quase quatro vezes o número revelado pelo Censo. O voto evangélico será o tema do primeiro **IHU Idéias** depois do 2º turno das eleições, ou seja, no dia 4 de novembro, a cargo do Prof. Dr. Ari Pedro Oro, professor na UFRGS.

Igreja Universal vira dona de partido de aluguel, mas não alcança o poder

A estratégia de virar dona de um partido político, adotada pela Universal, está mostrando agora que pode funcionar para criar um partido de aluguel, observa Pierucci na reportagem publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, 26-9-04, mas fracassa se a meta final for alcançar o poder. No Rio de Janeiro, a candidatura à prefeitura do bispo Marcelo Crivella, da Universal e do PL, evidenciou um problema que os evangélicos não tinham intuído: como eles passaram anos numa aberta guerra santa contra os umbandistas e os católicos, fica difícil, numa eleição majoritária, contar com os indispensáveis votos dos adeptos dessas religiões. Os evangélicos são 15% da população brasileira (porcentual que é mais alto no Rio de Janeiro e mais baixo em São Paulo), segundo o censo, o que lhes cria uma dificuldade intransponível nas eleições majoritárias. Ademais, na campanha eleitoral, os candidatos da igreja acabam tragados pelo debate político trivial, no qual são obrigados a usar um vocabulário que está muito distante da sacralidade dos púlpitos. E o povo de Deus, arrebanhado por essas igrejas, sempre estranha muito, principalmente porque o discurso abandona a crítica agressiva a outras religiões, tão comum nos interiores dessas igrejas. As igrejas evangélicas podem eleger até boas bancadas de deputados federais, estaduais e vereadores, além de continuar operando legendas de aluguel, diz Pierucci, mas dificilmente chegarão a eleger seus pastores para cargos majoritários. Por não perceberem obviedades como esta, diz Pierucci, os neopentecostais ainda se mostram muito ingênuos em suas aventuras políticas, porque não percebem sutilezas que outras igrejas compreenderam há muito tempo. O sociólogo lembra que, em 1946, o cardeal de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, dirigiu aos católicos de São Paulo, uma carta aconselhando aos fiéis a não votarem em Adhemar de Barros, apoiado pelos comunistas. Adhemar ganhou por larga margem e a Igreja católica aprendeu a separar as razões da política das razões de Deus.

Maria da Conceição Tavares jogou a toalha

A revista **IstoÉ Dinheiro**, 29-9-04, destaca a decisão da economista Maria da Conceição Tavares se afastar do debate econômico do País descontente com os rumos do governo Lula. Diz a matéria: “Maria da Conceição Tavares é velha conhecida dos brasileiros. Militou na oposição à ditadura, foi professora de economistas importantes como Pedro Malan e Marcos Lisboa e desde a fundação do PT tem sido um dos oráculos em defesa de modelos alternativos de política econômica. Pois na semana passada a lutadora de 72 anos jogou a toalha. Veio a público, para dizer que se retirava do debate econômico, por raso e inútil.” E continua a matéria: “Instalou-se a perplexidade. Amiga de Lula, José Dirceu, Aloizio Mercadante e Carlos Lessa, será que nem a pugnaz Conceição sacudiria o governo do feitiço liberal? Sua desistência sugere um cansaço. Aos amigos tem manifestado desilusão com a política econômica e pudor em usar sua influência pessoal junto a Lula para influenciar. Também é claro seu desconforto em criticar abertamente os camaradas no poder. Presa na armadilha da lealdade, Conceição preferiu sair de cena. O silêncio que ela deixa ao seu redor é ensurdecedor”. O artigo em que Maria da Conceição Tavares se despede do debate econômico foi publicado pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 19-9-04.

EUA. Vergonha eleitoral

O editorial da **Folha de S. Paulo**, 27-9-04, intitulado: “Vergonha eleitoral”, diz que “milhões de norte-americanos, incluindo um grande número de eleitores negros, serão impedidos de votar nas eleições de 2 de novembro próximo por conta de ‘barreiras legais, erros administrativos e truques sujos’, de acordo com especialistas em questões legais e defensores dos direitos

humanos”. Segundo o artigo, os mais prejudicados serão os ex-presidiários, porque “5 milhões deles serão impedidos de votar, em 14 dos 50 Estados americanos, em razão de leis que datam do fim do século 19 e tinham como objetivo justamente evitar que negros votassem”. Isso porque, conforme pesquisas, os negros votam de forma “esmagadora” no Partido Democrata. O editorial afirma que, segundo “a Comissão de Direitos Humanos, 13% dos negros do sexo masculino serão proibidos de participar do processo eleitoral porque já foram condenados - embora já tenham cumprido sua pena”. O artigo diz que “após a Guerra da Secessão (1861-65), os negros ganharam o direito de votar graças à 15ª Emenda à Constituição (1870)”. O artigo termina dizendo que os Estados Unidos devem mudar a sua prática, pois quem se julga “o maior defensor da democracia do planeta” deve corrigir essas falhas gritantes de seu sistema eleitoral. “Afinal, o sufrágio universal é a maior expressão das liberdades democráticas”.

Lula e a Terceira Via segundo Anthony Giddens

Anthony Giddens, sociólogo inglês, ex-diretor da prestigiosa London School of Economics e pai da controvertida teoria da Terceira Via, numa longa entrevista publicada pelo jornal **Valor Econômico** de 29-9-04, explica que a Terceira Via “procura trazer o pensamento da esquerda para o centro com uma perspectiva atual. Ou seja, busca se adaptar a um mundo onde as mudanças ocorrem à luz das organizações mundiais de comércio e da globalização, entre outras. Neste sentido, Lula está na trilha filosófica de repensar o caminho da esquerda para o centro”. E continua: “Lula está numa categoria mais abrangente da Terceira Via. Ele não é populista e não é retrógrado. Corresponde às mudanças reais, o que o leva governar sem suas antigas premissas. Espero que ele realmente pertença a essa categoria”. Segundo A. Giddens, Lula “está certo em tentar ter um impacto na principal organização internacional, que é a Organização das Nações Unidas (ONU). Minha única crítica é que Lula tem de ter também ações efetivas e não ser apenas retórico. Isso pode ser muito contra-produtivo. Um líder não pode viver apenas de palavras”.

O Neoliberalismo morreu

Na entrevista concedida ao jornal **Valor Econômico**, A. Giddens é peremptório ao afirmar que “o neoliberalismo morreu. Esse conceito está fragilizado. O que se defende hoje é bons governos, uma sociedade civil, democracia. Enfim, é preciso uma economia e uma sociedade que funcionem de forma equilibrada. Ainda há ecos do Consenso de Washington, mas são apenas ecos, não mais um consenso”.

Terrorismo. Efeito colateral da globalização

Para A. Giddens, o novo terrorismo é diretamente um efeito colateral da globalização. Segundo ele, na opinião expressa na entrevista publicada pelo jornal **Valor Econômico** de 29-9-04, “O fundamentalismo é uma reação contra a modernidade, que está relacionada à globalização por causa da interdependência da informação com o avanço da tecnologia. As igrejas cristãs não-católicas americanas nos anos 80 foram as primeiras a usar a televisão e outros meios de comunicação para promover suas idéias e crenças. O mesmo ocorreu quando essas igrejas se introduziram na América Latina.” E continua: “O novo terrorismo é diferente do antigo. O terrorismo tradicional tem ações mais limitadas. Eles ocorriam de forma local para promover a separação, como na Irlanda do Norte ou na Espanha. Mas quando se olha para a Al-Qaeda, suas ambições são mais geopolíticas. Eles usam conexões globais para suas ações. A Al-Qaeda tem ligação com cerca de 70 países, que usam vídeos e se comunicam por e-mail. A agenda é geopolítica”. E Giddens conclui: “O terrorismo contemporâneo oferece problemas

sérios para o mundo, pois os terroristas podem usar armas de destruição em massa. O outro lado dessa questão é a guerra tradicional, que parece estar radicalmente em declínio. No futuro, não teremos mais confrontos entre nações, com invasão de territórios. Claro que temos pontos, como Índia, Paquistão, Taiwan. A equação da globalização deve acabar com esse tipo de guerra”.

O aumento extraordinário das horas extras

Em agosto, 50,6% dos trabalhadores assalariados na indústria da região metropolitana de São Paulo fizeram horas extras, comparando-se com 40,5% em julho. É o maior percentual desde fevereiro de 2003, mostra a Pesquisa de Emprego e Desemprego, divulgada pela Fundação Seade e pelo Dieese. A notícia está publicada no jornal **Folha de S. Paulo** de 29-9-04. No mesmo período, a indústria gerou apenas 4.000 vagas, ou seja, um crescimento de 0,3%. O que, segundo especialistas, sugere que, em vez de contratar, as empresas intensificaram as horas extras (jornada acima de 44 horas por semana) para se ajustar ao aquecimento da economia. Em julho, a indústria não gerou vagas. “No momento em que não está muito claro se a recuperação vai se manter, você ajusta a princípio a produção com horas extras. As empresas fazem isso sempre que podem”, diz Anselmo Luis dos Santos, economista e pesquisador do Cesit (Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho), da Unicamp. O movimento também ocorreu no comércio, setor que eliminou 22 mil ocupações: o percentual de trabalhadores que fez horas extras passou de 55,1% em julho para 60,8% no mês passado. Em serviços, que foi o setor que mais gerou vagas, houve apenas uma variação, de 35,1% para 35,8%.

Começou a reforma trabalhista de Lula?

O governo Luiz Inácio Lula da Silva lançou dia 29 de setembro, por meio de um projeto de lei complementar, um embrião da reforma trabalhista de orientação liberal ensaiada desde o início do mandato. A notícia é do jornal **Folha de S. Paulo** de 30-9-04, e pode ser lida também no jornal **O Globo**. Pelo texto a ser enviado ao Congresso, funcionários de pequenas empresas com faturamento até R\$ 3.000 mensais poderão abrir mão do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) de 8% do salário válido para os demais trabalhadores do setor formal - em vez disso, terão um FGTS de apenas 0,5% do salário. O projeto precisa de maioria absoluta na Câmara e no Senado para ser aprovado. Com a medida, acompanhada de simplificação tributária para as pessoas jurídicas de pequeno porte, pretende-se estimular a regularização dos, segundo estimativas, 11 milhões de empresários e 43 milhões de trabalhadores que hoje estão na informalidade. Trata-se exatamente do que pregam os liberais para a reforma trabalhista: reduzir - ou, eufemisticamente, flexibilizar - os direitos trabalhistas hoje existentes para estimular a geração de empregos com carteira assinada, partindo do diagnóstico de que a legislação atual, na tentativa de proteger os trabalhadores, acabou por levar à informalidade mais da metade da população ocupada no País, estimada em 80 milhões de pessoas. Embora o PT tenha se batido contra esse pensamento nos tempos de oposição, o governo Lula fala, desde a posse, em propor uma reforma trabalhista. O constrangimento político tem levado o governo a adiar sucessivamente a definição da proposta.

Brasileiros têm US\$ 82 bilhões no exterior

O total de bens e ativos declarados por brasileiros no exterior atingiu US\$ 82,7 bilhões no ano passado, distribuídos por 120 países, mas concentrados em paraísos fiscais como Ilhas Cayman, Ilhas Virgens e Bahamas. Os Estados Unidos, porém, mantêm-se como maior receptor dos depósitos feitos por brasileiros no exterior, que em 2003 somaram US\$ 16,4

bilhões. Os dados constam do Censo Capitais Brasileiros no Exterior, divulgado dia 29 de setembro pelo Banco Central. A notícia está publicada no **Jornal do Brasil** de 30-9-04.

Os novos estancieiros do mundo

Enquanto Rodrigo Rato, diretor-presidente do FMI insistiu para que a Argentina melhorasse a oferta aos credores, e o presidente do Banco Mundial, Wolfensohn, aconselhava que o governo argentino aumentasse as tarifas públicas, Nestor Kirchner, presidente da Argentina, afirmou que, sem querer ofender os estancieiros, Rato e Wolfensohn se parecem com patrões de estância. A notícia está no jornal **Página/12**, 1-10-04. Segundo o jornal portenho, Kirchner afirmou: “Cada vez que nos encontramos com os dirigentes de organismos internacionais, como patrões de estância, nos dizem o que temos que fazer pelo país”. Aclarou, ainda, que usava o qualificativo de “patrões de estância” dizendo que “respeitava os estancieiros”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

Casamento gay

“É um dia importante para milhões de cidadãos que sofrem discriminação, e é importante para os demais porque juntos avançamos em igualdade”. – **Maria Teresa Fernández de la Veja**, vice-presidenta do Governo espanhol, comemorando a aprovação pelo Conselho de Ministros do governo espanhol, o anteprojeto de lei que permite o casamento gay e a adoção pelos casais homossexuais – **El País**, 2-10-04.

“É uma alteração histórica, já que Espanha vai ser o terceiro país² a ter igualdade no casamento civil”. - **Miguel Vale de Almeida**, português, antropólogo e ativista do movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros (LGBT) de Portugal – **Público**, 2-10-04.

“É uma proposta errônea e injusta. O Estado não pode reconhecer este direito inexistente, a não ser atuando de maneira arbitrária que excede suas capacidades e que danificará, seriamente, o bem comum”. – Conferência Episcopal Espanhola – **El País**, 2-10-04.

O FMI. Um padrão de estância

“O FMI pede à Argentina que poupe, ao Brasil que controle a inflação e que o México abra o setor energético”. – manchete do jornal **El País**, 2-10-04.

Bush e o gênio do mal

“Bush gostaria de ser um gênio do mal, como foram Hitler e Stalin, embora seja menos inteligente. A diferença é que Hitler e Stalin tinham inimigos poderosos. Bush não tem um inimigo para enfrentar”. – **Carlos Fuentes**, escritor mexicano, autor do livro **“Contra Bush”**, Editora Rocco, 2004 – **Valor Econômico**, 1, 2 e 3-10-04.

“A ideologia neoconservadora nos EUA tem um sonho: construir a ‘disneylandia’ neoliberal”. - **Subcomandante Marcos** do EZLN - **La Jornada**, 1-10-04.

² Os outros dois países são: Holanda e Bélgica. Neste último, porém, não se reconhece o direito de adoção de casais homossexuais. (Nota do **IHU On-Line**).

*“Iraque é um exemplo do que espera o mundo inteiro se os neoliberais ganham a grande guerra, a IV Guerra Mundial: desemprego de quase 70%, a indústria e o comércio paralisados, aumento exorbitante da dívida externa, muros antiexplosivos por todos os lados, crescimento geométrico do fundamentalismo, guerra civil... e exportação do terrorismo a todo o planeta”. - Subcomandante Marcos do EZLN - **La Jornada**, 1-10-04.*

Lula conquistou a comunidade internacional

*“Lula é o grande vitorioso desse novo mundo. Os Estados Unidos podem ter mais armas. Mas, em termos de poder de idéias, o presidente Lula é imbatível e conquistou a comunidade internacional”. - **Joseph Stiglitz**, Prêmio Nobel de Economia, ex-vice-presidente do Banco Mundial - **IstoÉ**, 6-10-04.*

Não fazer acordos é melhor do que fazer maus acordos

*“A proximidade de negociação com os EUA é sempre um fator de risco. E a má administração da macroeconomia por parte dos EUA custou muito caro à América Latina. Indo mais adiante, o fato de os EUA ter um grande déficit deve levar, a médio prazo, a um crescimento das taxas de juros industriais. Se o Bush for reeleito, teremos que reconhecer que os acordos bilaterais de comércio, impostos pelos americanos, serão completamente injustos e não irão promover crescimento da economia latino-americana nem em qualquer outro país em desenvolvimento. O tratado de livre comércio, também, se for feito da forma como querem os Estados Unidos, será prejudicial para a América Latina. Então me parece que o Brasil e o resto dos latino-americanos têm de perceber que, muitas vezes, não fazer acordos é melhor do que fazer maus acordos”. - **Joseph Stiglitz**, Prêmio Nobel de Economia, ex-vice-presidente do Banco Mundial - **IstoÉ**, 6-10-04.*

O paraíso da classe média

*“O hipermercado é o paraíso da classe média. Não é o shopping center, que é o paraíso inalcançável, onde se consome apenas com os olhos. Já no hipermercado ela pode comprar”. - **Luiz Alberto Marinho**, publicitário - **IstoÉ**, 6-10-04.*

*“As pessoas estão em busca de sua identidade num mundo mutante. Elas não sabem quem são e estão buscando essas respostas no consumo. É o consumo que dá essas respostas, não as famílias, os líderes políticos. Elas estão se deixando adotar pela sociedade de consumo e adotando seus valores”. - **Luiz Alberto Marinho**, publicitário - **IstoÉ**, 6-10-04.*

Consumo. Igual aos nossos iguais

*“Uma amiga minha trocou a filha do colégio porque ela disse que o fato de não ter celular estava se tornando um fator de rejeição. Ela era discriminada pelas amigas porque não tinha celular. E esses luxos influenciam não só as meninas ricas, mas também as meninas dos morros do Rio de Janeiro. O sonho mais poderoso é o de encontrar um lugar na sociedade. A gente consome para ser diferente dos outros, mas igual aos nossos iguais”. - **Luiz Alberto Marinho**, publicitário - **IstoÉ**, 6-10-04.*

Orkut. Microcosmo da sociedade

“O orkut é microcosmo do que está acontecendo na sociedade. Primeiro, é a idéia de globalização. Todos nós fazemos parte de uma grande aldeia global, sem fronteiras geográficas, de sexo ou idade. Ao mesmo tempo, dentro do orkut há as pequenas tribos, divididas por interesse. Dentro dessas comunidades as pessoas não estão interessadas em se relacionar. Estão mais preocupadas em impor sua individualidade. É um momento de

individualização extrema. Não estão preocupadas em ouvir umas às outras, mas em se exibir". - **Luiz Alberto Marinho**, publicitário – **IstoÉ**, 6-10-04.

Furacão de rico e furacão de pobre

"A Flórida, açotada por quatro tufões seguidos, registrou menos de uma centena de mortos. Ivan, o mais violento desta série de tufões que atingiu os Estados Unidos, deixou estragos em nove estados americanos e um total de 39 mortos. Enquanto isso, no Haiti, a nação mais pobre do continente, bastou a passagem de um destes ciclones, o Jeanne, para elevar o número de perdas para dois mil mortos e criar um enorme caos que ameaça levar o país de roldão". – **Luiz Felipe Alencastro**, historiador – **Agência Carta Maior**, 2-10-04.

PT e PP. Quem diria?

"O que me surpreende é a conduta do candidato Paulo Maluf, nitidamente a serviço do PT, que o execrava. Estou me desfiliando do PP, depois de ter sido fundador da Arena, da qual o PP é o último rebento. Não mais temos um programa, segundo doutrina política, mas um desprezível jogo de interesses escusos". – **Jarbas Passarinho**, ex-ministro dos regimes militares – **Folha de S. Paulo**, 2-10-04.

"Ao assumir o poder, os burgueses mantiveram-se iguais. Ao contrário, os proletários deixam de viver como proletários no dia em que dirigem uma fábrica, um truste ou um ministério. Os burgueses, no poder, permanecem burgueses. Os proletários, no poder, deixam de sê-lo". - **Raymond Aron** citado por Jarbas Passarinho - **Jornal do Brasil**, 28-9-04.

"Onde o PT for vitorioso a tendência predominante é o reforço de sua ala direita". – **Emir Sader**, sociólogo – **Sem Terra**, n. 26, setembro/outubro, 2004.

Bolsa-Família é assistencialismo!

"O problema do Bolsa-Família é conceitual. O que prevalece é um programa de renda mínima, e não de melhoria educacional. A própria mudança de nome, substituindo a expressão "escola" [Bolsa-Escola] por "família" mostra a reorientação da educação para o assistencialismo". – **Cristóvam Buarque**, senador (PT-DF) – **Folha de S. Paulo**, 2-10-04.

Geoescravidão

"Geoescravidão é uma prática na qual o amo exerce o seu controle sobre a localização de outro indivíduo para controlar rotineiramente o tempo, a velocidade e a direção de cada um dos movimentos do escravo". – **Steven Levy**, jornalista americano, comentando as formas de controle possibilitadas pelas novas tecnologias digitais – **Clarín**, 2-10-04.

"Ninguém estava fora do alcance de Deus na Idade Média. Seus olhos esquadrihavam o coração e Ele sempre sabia que ias fazer em qualquer lugar e em qualquer tempo. Da Idade Média ao Renascimento houve um grande triunfo da independência da mente da Igreja e do Estado, uma dolorosa transformação do coletivo para a privacidade. Estamos perdendo essa privacidade com o telefone celular?". – **Derrick De Kerckhove**³, comparando tecnologia comunicacional com a religião – **Clarín**, 2-10-04.

³ Derrick de Kerckhove, nascido no Canadá, começou sua vida intelectual colaborando com um homem mítico na análise do mass media: Marshall McLuhan. Derrick De Kerckhove tem sido catalogado por muitos dos atuais intelectuais como um "guru da cibercultura", afirmação que ele gosta de ouvir mas que não compartilha. Dirige o Programa McLuhan da Universidade de Toronto, Canadá, que leva o nome daquele que foi seu professor durante anos. Seu trabalho se

Uma disputa de patrocínios

“Desde o início, a polarização que existe, e está dominando hoje a campanha, são os dois patrocinadores. O Alckmin patrocinando a campanha do Serra, e proclamando que, se ele for eleito, São Paulo vai se beneficiar com recursos do governo estadual, e a Marta fazendo exatamente a mesma coisa com o Lula. Dizendo que, se for reeleita, São Paulo vai continuar se beneficiando de recursos do governo federal. Isso não tem nada de ideológico. É uma disputa de patrocínios”. - **Paul Singer**, secretário de Economia Solidária do governo Lula - **Folha de S. Paulo**, 29-9-04.

Kyoto: A Rússia ratifica

“O anúncio da ratificação por parte da Rússia do acordo de Kyoto é uma excelente notícia para a Europa e para o mundo”. - **Arturo Gonzalo Aizpiri**, secretário geral para a Prevenção da Contaminação e a Mudança Climática da Espanha - **El País**, 1-1-04.

“Finalmente Kyoto vai ser uma lei internacional. O anúncio russo é um reforço para todos os que temos lutado por Kyoto nos últimos anos e deixa em evidência o governo dos EUA, um país que 25% das emissões globais segue sem fazer nada contra a mudança climática”. - **Juan López de Uralde**, diretor de Greenpeace na Espanha - **El País**, 1-10-04.

Eleições e democracia. Os pobres são os juízes!

“O Brasil, apesar de ser uma das maiores economias do mundo, está numa das piores colocações nos índices de desenvolvimento humano, com grandes populações vivendo na miséria. A existência de milhões de empobrecidos é a negação radical da ordem democrática. A situação em que vivem os pobres é critério para medir a bondade, a justiça, a moralidade, enfim, a efetivação da ordem democrática. Os pobres são os juízes da vida democrática de uma nação⁴”. - **Dom Geraldo Majella Agnelo**, cardeal-primaz do Brasil e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – **Folha de São Paulo**, 3-10-04.

“Primoroso o artigo de dom Geraldo Majella Agnelo. Sua afirmação impecável de que “os pobres são os juizes da vida democrática de uma nação” assinala, como contrapartida, o dever evangélico que incumbe a todo governante de agir como servo dos mais desvalidos dentre os cidadãos (Lucas, 6;20 e Mateus, 20;25 a 28). A Campanha Nacional em Defesa da República e da Democracia, lançada pela Ordem dos Advogados do Brasil⁵, buscará inspirar-se nessa grande verdade ética e espiritual”. - **Fábio Konder Comparato**, professor titular da Faculdade de Direito da USP, presidente da Comissão de Defesa da República e da Democracia da OAB federal (São Paulo, SP) – **Folha de S. Paulo**, 4-10-04.

estabelece como a continuação das idéias de seu mestre expandidas no contexto da nova era da informação. Este canadense destaca-se pelo seu otimismo diante das novas tecnologias. É um “teórico da nova era” que com um grande senso de humor confronta-se com os mais eminentes tecnóforos. Ele é autor, entre outros, dos seguintes livros: **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio d’Água. 1997 e **The Architecture of intelligence**. Birkauer Publisher. 2001. (Nota do **IHU On-Line**).

⁴ O cardeal, sem explicitá-lo, cita literalmente o documento **Exigências éticas da ordem democrática**, emanado da CNBB em 1989, no. 72. O texto pode ser encontrado em Documentos da CNBB no. 42 editado pelas Edições Paulinas. (Nota do **IHU On-Line**).

⁵ Sobre esta campanha conferir a entrevista com Fábio Comparato, na editoria Análise de Conjuntura do **IHU On-Line** n.º 114, de 6 de setembro de 2004. (Nota do **IHU On-Line**)

Sai militante do PT, entra o missionário

“O vermelho do PT, que tantas vezes coloriu a orla carioca foi substituído pelos aleluias. O militante ideológico perdeu espaço para o missionário da fé”. – **Daniela Name, Leticia Helena e Renata Magdaleno**, jornalistas, comentando as eleições no Rio de Janeiro – **O Globo**, 4-10-04.

“A frieza das ruas reflete uma eleição que foi puro marketing. O PT vai ter que parar para pensar, reavaliando alianças e métodos”. – **Chico Alencar**, deputado federal (PT/RJ) – **O Globo**, 4-10-04.

Obs. As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página www.ihu.unisinos.br. Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

IHU Idéias

A CIDADE E A CULTURA DIGITAL

O último **IHU Idéias** do mês de setembro, realizado no dia 30 passado, teve como tema *A cidade afetada pela cultura digital*. O Prof. Dr. Paulo Edison Reyes, da Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, foi o responsável pela explanação. O professor concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 117ª edição, de 27 de setembro de 2004, sobre o assunto da palestra de quinta-feira. A palestra do Prof. Dr. Paulo Edison Reyes abordou, entre outros, os seguintes pontos: sobre estar em público na realidade cotidiana; em direção a uma nova perspectiva; das mídias analógicas às mídias digitais; sobre as desmaterializações e desterritorializações; a respeito de espaço e de tempo; sobre as implicações de tempo e de espaço.

Ecos do evento

"Essa palestra ajudou a entender o que está acontecendo atualmente. A gente até se dá conta das coisas, mas não compreende. O professor situou, muito bem, a forma como nós sofremos os avanços da tecnologia na atualidade".

Davi Daroit, aluno do curso de Arquitetura da Unisinos.

"Achei a exposição interessante. É um tema que trata de assuntos não concretos, assuntos virtuais, mas que afetam concretamente o nosso dia-a-dia. O professor fez uma reflexão com aprofundamento na realidade. A tecnologia oferece, às vezes, riscos. Não podemos nos deixar dominar pela máquina. Precisamos reservar mais espaço para atividades de convívio com pessoas".

Paulo Edi Martins, professor do curso de Arquitetura da Unisinos.

CORPO-VERÃO E AGENDA DO CORPO

A doutoranda em Comunicação na Unisinos, Profª. MS Adriana Braga, conduzirá o debate da próxima edição do evento semanal **IHU Idéias**, no dia 7 de outubro de 2004. O tema a ser abordado será Corpo-Verão: agenda do corpo na revista feminina. Adriana Braga é graduada em Psicologia pela Fundação Universitária Mineira de Educação e Cultura, e mestre em Ciência da Comunicação pela Unisinos. O tema que será por ela apresentado é inspirado na sua dissertação de mestrado, que leva o título "Corpo-Verão: estratégias discursivas e agendamento corporal na imprensa feminina". O evento é gratuito e acontece na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h. Confira, a seguir, a entrevista concedida pela professora ao **IHU On-Line**, por e-mail:

IHU On-Line - Quais as principais idéias a serem apresentadas na exposição do tema *Corpo-Verão: agenda do corpo na revista feminina*?

Adriana Braga - O verão pode ser considerado um fenômeno substantivo na constituição da cultura brasileira contemporânea. Muitos dos símbolos internacionalmente conhecidos da "cultura brasileira" representam o Brasil como um país de belas praias, muito sol e mulheres bonitas – de que a "Garota de Ipanema" é o exemplo típico. Essa matriz cultural faz parte do imaginário social brasileiro, tornando-se mesmo elemento de "identidade nacional" e concretizando-se em corpos femininos seminus e bronzeados. Esta palestra se refere a uma pesquisa finalizada em 2003, na qual desenvolvo a problemática referente à construção discursiva de um padrão de corpo feminino, idealizado a propósito da chegada do verão no universo da imprensa feminina brasileira. Mais especificamente, procuro compreender o modo como a imprensa feminina, por meio de um "sistema estratégico discursivo" institui um padrão idealizado de corpo feminino "adequado" para constituir o verão na cultura brasileira.

IHU On-Line - Qual é o público específico das revistas femininas que foram pesquisadas e quais as razões de sucesso de venda entre esse público?

Adriana Braga - A imprensa feminina, este negócio de proporções gigantescas, é controlada em sua quase totalidade por três grandes grupos empresariais. Apesar de existir uma grande variedade de pequenas editoras responsáveis por um ou dois títulos cada uma, as editoras Abril, Símbolo e Globo respondem juntas por 29 títulos e mais de 8 milhões de exemplares por mês. Nessa pesquisa, foi estudada uma variedade de revistas femininas: semanais, mensais, bimensais, com preços que variam de R\$ 1,00 a R\$ 6,90, em diferentes formatos e linhas editoriais. Essa mídia se divide segundo recortes de classe social, de idade, de estilo, de prioridades, de etnia. De modo que só faz sentido pensar na categoria "revista feminina" como um todo coeso, se considerarmos seu caráter complexo e multivocal, uma vez que cada uma se volta especificamente para as mulheres adolescentes, maduras, pobres, de elite, emergentes, negras, que cozinham, que costuram, que vêem novelas, que querem emagrecer, que querem ser desejadas, etc. Entretanto, compõem no seu somatório um interessante mosaico do feminino em nossa sociedade que, de uma certa maneira, espelha o 'ser mulher' nela.

IHU On-Line - Como caracterizaria esse "corpo-verão", apresentado na revista e que relações mercadológicas ele implica?

Adriana Braga - O corpo-verão é um corpo ficcional, é um corpo feito de falas sobre o corpo feminino, construído com as palavras, os discursos que as revistas femininas imprimem em suas páginas. O corpo-verão que defino neste trabalho é um material discursivo que surge da enunciação dessa mídia, a definição discursiva de um padrão de corpo feminino adequado para o verão na cultura brasileira. O corpo-verão é um fenômeno de enunciação, é uma oferta de corpo, que se faz por jogos de linguagem, por determinadas estratégias discursivas que,

entretanto, é também perpassado por saberes oriundos de outros campos sociais. O corpo-verão é uma consequência de um contexto organizacional, econômico, mercadológico, sociológico, e torna-se um produto discursivo gerado no interior dessa mídia específica, uma corporeidade feita de discurso. Com relação ao mercado de consumo, é importante destacar que, nas matérias que referem o corpo-verão, 70% trazem como “notícia” a recomendação de diversos produtos, serviços ou tratamentos para “adequar” o corpo da leitora ao ideal estetizante proposto, um material institucionalmente “publicitário” neste texto jornalístico. Esse aspecto suscita questionar em que medida essa “publicidade” contamina esse produto, esse mecanismo de oferta do sentido; até que ponto essa “realidade externa”, o mercado, incide e co-determina as operações discursivas que instituem o corpo-verão.

IHU On-Line - Quais as diferenças mais essenciais que poderiam ser apontadas na abordagem do corpo feminino nas diferentes mídias?

Adriana Braga - Como dito anteriormente, as revistas se voltam para mulheres dos mais variados tipos, produzindo diferenças observáveis, como títulos para donas de casa felizes, solteiras ambiciosas, adolescentes antenadas, inteligentes bem-sucedidas, negras de classe média, etc. Entretanto, o modo de convencimento para que essas mulheres diferentes (todas consumidoras) se engajem nas atividades propostas em forma de agenda para a adequação do corpo parece ser o mesmo. O aspecto em exame nesta pesquisa, o modo como é construído pela mídia o corpo-verão, é um ponto comum, um padrão, presente em quase todas as dezenas de revistas destinadas ao público feminino. Por exemplo, das mulheres da capa, 99% são brancas, 75% são celebridades, e 100% são magras.

IHU On-Line – Por que considera importante que o tema seja abordado e discutido em uma universidade numa época marcada pelo hiperindividualismo?

Adriana Braga - As fontes de sentido da vida social são diversas, originadas de campos distintos. As mídias, tomadas como uma dessas fontes, realizam uma ação significativa no processo de construção das identidades nos nossos dias. Considerando que as identidades sociais são constantemente construídas e reconstruídas, instáveis, em fluxo, vários elementos se relacionam com esse processo. Através da interpelação na relação com suas leitoras, as revistas femininas participam ativamente como um dos elementos que compõem o fluxo em que se encontra a construção/reconstrução das identidades sociais femininas. Nesse sentido, considero importante pensar o papel do campo midiático nesse processo, na medida em que a mídia em questão promove, sob várias instâncias discursivas, elementos de identidade feminina – definida em termos de “auto-estima” ou “confiança” – a partir do manejo “adequado” da corporeidade. Na atualização de matrizes culturais arcaicas, esses produtos de mídia corroboram e sustentam uma lógica da subordinação feminina sob o ponto de vista do controle voluntário sobre os usos do corpo.

RUMOS DA ARQUITETURA, HOJE

*"Para onde vai a Arquitetura hoje" será o tema do evento **IHU Idéias** de 14 de outubro de 2004. Quem falará ao público interessado será o Prof. MS Ronaldo de Azambuja Ströher, professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. Graduado em Arquitetura pela UFRGS, Ronaldo de Azambuja obteve mestrado em Arquitetura também pela UFRGS, onde é doutorando na mesma área. Sobre o tema do evento, o professor concedeu uma entrevista por e-mail ao **IHU On-Line**, que publicamos a seguir:*

IHU On-Line - Quais os principais desafios que enfrenta a arquitetura contemporânea? Para onde ela vai?

Ronaldo Ströher - Muitos são os desafios e imprevisíveis os rumos a serem tomados pela arquitetura em nosso tempo. De qualquer maneira, abordando o assunto sob o ponto de vista da colocação do arquiteto em relação à sociedade e à prática profissional, eu diria que o panorama atual é melhor do que, digamos, em meu tempo de estudante. Naquela época, não obstante toda a carga mercadológica inserida nos ideais do Movimento Moderno (ou dos Movimentos Modernos) a profissão não tinha a aceitação popular que desfruta hoje. Embora digamos ser tal aceitação devida ao movimento que se convencionou chamar Pós-modernismo - cuja carga de concessões ao gosto popular vem sendo fortemente rejeitada pelos intelectuais da arquitetura - sabemos que o benefício do intercâmbio, ou de uma popularização mais ampla, atingiu também os trabalhos mais eruditos. No entanto, não restam dúvidas de que um dos grandes problemas ou desafios da arquitetura é o do hermetismo que seu caráter artístico e a linguagem implícita em suas formas, comportam. Por um lado, os profissionais mais eruditos rejeitam aquelas linguagens mais pitorescas ou decorativas que o público, em geral, costuma associar à arquitetura. Por outro lado, o público - incluam-se aí muitos dos estudantes iniciais do curso - não entende os valores estéticos que os eruditos costumam apontar. Um bom exemplo dessa fratura pode ser dado por uma afirmação feita há dois anos, num debate de profissionais na Unisinos, em que o professor Edson Mahfuz, considerado um dos maiores teóricos brasileiros na área da arquitetura, lamentava que o sonho de quase todo o estudante fosse ganhar seu diploma para participar de uma Casa Cor, evento de ampla aceitação pública e bastante contestado por muitos dos profissionais ligados ao ensino. A resposta à segunda pergunta - para onde vai a arquitetura? - é o tema principal da conversa que deverá ser realizada no dia 14 próximo vindouro. Antecipando um pouco do que pretendo falar, eu diria que não há uma resposta para tal pergunta. Mas, diria também, que os arquitetos e os teóricos da arquitetura, ao longo de toda a história, sempre partiram do pressuposto de que a arquitetura, em seus aspectos construtivos, é recriação do mundo: é complementação do *habitat* que a Criação e a Natureza não se preocuparam em deixar perfeito. Assim, quase todas as proposições que tinham um caráter mais geral, ao redesenharem o *habitat*, também redefiniam o habitante ideal, ou seja, se preocuparam em definir uma espécie de código de postura que, muitas vezes, ultrapassava o próprio condicionamento físico do ser humano, para não falar em seu comportamento psíquico. Muitas das tendências vanguardistas que hoje vemos, baseadas em linguagens que só a ciência da computação permite alcançar, reflete, em grau maior ou menor, a necessidade de que o habitante dessas novas propostas tenha características superiores aos limites do condicionamento humano contemporâneo. Nesse enfoque, talvez pudéssemos dizer que a arquitetura vai para onde for o homem e o seu sonho. Uma perspectiva que comporta toda a insegurança da condição existencial pós-moderna, mas que, por outro lado, traz consigo o encanto que o homem contemporâneo aprendeu a extrair dessa instabilidade.

IHU On-Line - Quais são os principais ajustes e desajustes entre a teoria e a prática da arquitetura contemporânea?

Ronaldo Ströher - Boa parte dos desajustes foi abordada na resposta acima, na explicitação da diferença do enfoque entre a academia e o cotidiano profissional, submetido ao gosto de um cliente predominantemente inculto. Com respeito aos ajustes, acredito que eles venham acontecendo principalmente na área técnica, em que os novos materiais e a tecnologia vêm possibilitando a realização de projetos utópicos.

IHU On-Line - O que as tendências da arquitetura atual podem revelar sobre a sociedade na qual vivemos?

Ronaldo Ströher - Continuando um pouco do que foi respondido na primeira pergunta, o melhor que a arquitetura tem a informar à sociedade contemporânea é a necessidade da fantasia ou a de significados não-utilitários, muitas vezes, pouco práticos, que sua condição artística representa. Uma espécie de reafirmação de que o ser humano, tão logo sejam atendidas suas necessidades básicas, recorre aos aspectos lúdicos, de que tanto os objetos quanto os fatos que o cercam, podem apresentar, como recurso para escapar dos limites e imposições daquilo que chamamos de vida real.

IHU On-Line - Que elementos devem ser levados em conta na arquitetura, na hora de planejar qualquer prédio em meios urbanos com grande poluição sonora e ambiental? Há espaços que deviam ser mais bem aproveitados e não o estão sendo?

Ronaldo Ströher - Embora esta pergunta reflita muito bem aquilo que as pessoas pensam que deva ser o universo de preocupações dos arquitetos, eu não diria que ela se encaixa em meu universo. Além de não estar familiarizado com o pensamento urbanista – na verdade, acho que a diferença entre arquiteto e urbanista, mesmo sem ser tão dramática como aquela entre o arquiteto e o engenheiro civil, é importante a ponto de caracterizar disciplinas autônomas, não obstante todos lidarem com a construção e com a cidade – não me interessa muito por problemas ambientais. No doutorado que estou fazendo, tenho trabalhado com Leon Battista Alberti, arquiteto do início do Renascimento italiano, que escreveu o segundo tratado de arquitetura (o primeiro havia sido escrito por Vitruvius, mil e quinhentos anos antes), em que abundam recomendações sobre os cuidados que o arquiteto deva ter para a escolha do sítio e das condições físicas ideais para a implantação de novas construções. Tanto em seu tempo quanto hoje, a interferência do arquiteto parece ser mais no sentido de evitar do que de resolver problemas socioeconômicos que escapam de sua alçada. Grande parte dos problemas urbanos de nosso tempo é de competência social e econômica. Sabemos muito bem que qualquer cidadão tem as condições básicas para saber que trecho de cidade e que tipo de casa gostaria de habitar. Também sabemos que todos os arquitetos recebem, em seus cursos de formação, os critérios que fazem com que, sempre que possível, procurem melhorar as condições de habitabilidade de casas e de cidades. Seria, no entanto, muita prepotência de qualquer arquiteto - para não dizer, fuga de sua disciplina específica – julgar que os problemas sociais e econômicos que afligem grande parte das populações possam ser resolvidos pela arquitetura.

Acompanhe, a seguir, a programação do IHU Idéias no mês de outubro:

21/10/04 - “O vampirismo no mundo contemporâneo” - Prof. MS Marcelo Noronha – Professor na UFRGS

28/10/04 – “Bioinformática: uma nova perspectiva para compreender a vida” - Prof. Dr. Ney Lemke – Professor na Unisinos

Abrindo o Livro

VIDA MARAVILHOSA. A OBRA DE STEPHEN JAY GOULD EM DEBATE

A próxima edição do evento **Abrindo o livro** será dia 5 de outubro, na sala 1G119 do IHU, das 19h45min às 22h. Na ocasião, a professora Dr.^a Tânia Lindner Dutra, do PPG em Geologia da Unisinos, apresentará o livro **Vida maravilhosa**, de Stephen Jay Gould. A professora Tânia é graduada em História Natural pela UFRGS.

Fez mestrado em Geociências também pela UFRGS e sua dissertação intitula-se *O Quaternário da área interior do Rio Pardo, RS*. Tânia Dutra obteve o doutorado em Geociências, pela UFRGS, em 1997, com a tese intitulada *Composição e História da Vegetação do Cretáceo e Terciário da Ilha Rei George, Península Antártica*. É organizadora do livro **Técnicas e procedimentos para o trabalho com fósseis**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

Neste número, como Livro da semana, apresentamos o livro **The Structure of Evolutionary Theory (A estrutura da Teoria da Evolução)**. Cambridge MA: Harvard Univ. Press, 2002, de Stephen Jay Gould.

A seguir, publicamos a entrevista realizada por e-mail com a professora Tânia Dutra, na qual ela adianta aspectos da obra a ser apresentada.

IHU On-Line - Qual é a principal contribuição de Stephen Jay Gould para a paleontologia, a zoologia e a sociedade em geral?

Tânia Dutra - O autor dedicou-se, ao longo de sua vida, a escrever sobre evolução e sobre a história da ciência, tendo sido, nesta área, um dos mais importantes nomes e, a partir disso, tendo recebido muitos títulos honoríficos e prêmios. Treze livros foram editados por S.J. Gould, em vários países do mundo. Sua vida de pesquisador e professor (Geologia, Biologia e História da Ciência na Universidade de Harvard), e socialista, como fazia questão de se apresentar, foi marcada pelo caráter contestador às "verdades" na ciência. Como paleontólogo, realizou intensa pesquisa com caramujos das ilhas do Caribe, um dos motivos que o levou a propor um modo alternativo de encarar o processo evolutivo.

IHU On-Line - Por que considera importante retomar ou "abrir o livro" *Vida Maravilhosa*? Qual é sua principal riqueza?

Tânia Dutra - Em ***Vida Maravilhosa***, Gould se utiliza da análise de uma das mais primitivas e completas faunas fósseis, datada de 540 milhões de anos e representativa do aparecimento dos primeiros animais mais complexos, para abordar suas idéias sobre evolução. Assim, o livro oferece, de um modo mais acessível que àquele comum aos trabalhos exclusivamente científicos, a oportunidade de compreender a perspectiva do autor. Utilizando-se deste bem preservado e variado conjunto de organismos, encontrados em níveis de uma rocha acamadada e de granulometria muito fina (folhelhos), na porção canadense das Montanhas Rochosas, ele expõe sua proposta de que as mudanças, ocorridas com a vida ao longo do tempo, poderiam se processar, algumas vezes, de modo rápido (para os neodarwinistas o aparecimento de novas espécies seria sempre um processo gradual ou por microevolução) e que o curso da evolução é contingente, ou seja, ao acaso e sem nenhuma intenção pré-determinada. Questiona ainda a idéia de "progresso" na evolução, tão divulgada na iconografia dos livros didáticos e científicos até a década de 1970.

IHU On-Line - De que forma o autor implode conceitos errôneos sobre a natureza?

Tânia Dutra - Não se trata propriamente de implodir. Gould preocupou-se, especialmente, em pensar sobre as teorias evolutivas disponíveis e propor modos alternativos de interpretá-las. Muitas das idéias expressas por ele são hoje ainda discutidas, parte delas não são aceitas, e outras, ainda, lhe trouxeram alguns poderosos inimigos, como Richard Dawkins⁶. Mas aparentemente ele não se preocupou tanto com isso, e sim em manter o debate. Para Gould, o

⁶ Richard Dawkins nasceu em Nairobi em 1941 e educou-se em Oxford. Lecionou zoologia nas universidades da Califórnia e de Oxford. Em 1995 ocupou a então recentemente criada cátedra de Compreensão Pública da Ciência, também em Oxford. Ele é autor do importante livro **O gene egoísta**. Itatiaia Editora, 2001. E neste ano, publicou o livro **The Ancestor's Tale**. Weidenfeld & Nicolson, 2004. (Nota do **IHU On-Line**).

fato de a evolução permanecer até hoje como uma “teoria”, e portanto sujeita a diferentes interpretações e debates, não elimina o fato de que ela se manifesta como um “fato” inegável e capaz de ser apreciado no registro fóssil. Como seus opositores, não era pessoa de gênio fácil e, até sua morte, fez questão de manter o debate aceso, especialmente com os sociobiologistas, cujo pensamento julgava por demais cartesiano. Na obra de Darwin e dos neodarwinistas que se seguiram, questionou especialmente o grande valor que foi dado à seleção natural. Para Gould, o efeito das mudanças ambientais é realmente importante, mas as espécies não seriam completamente passivas à sua ação, e sim, poderiam contribuir com seu genótipo, para estas mudanças. As diferentes ferramentas utilizadas pelos neodarwinistas (os princípios e procedimentos da genética) e por Gould, Lewontin e outros companheiros (os fósseis e o registro das mudanças nas rochas) fazia deste debate um excelente exercício de retórica (Gould sempre foi acusado por seu estilo difícil e pomposo, algumas vezes, obscuro) e de livre debate das idéias, tão agradável à metodologia científica e, por isso, freqüentemente, alimentado.

IHU On-Line - Como o autor entende o acaso na evolução? Qual é seu diálogo com Darwin? Qual é a visão de Gould sobre a religião e as teorias religiosas da criação?

Tânia Dutra - Para Gould, mais até que para os darwinistas, o acaso – que ele chama de contingência - é um mecanismo imanente ao processo evolutivo e, em *Vida Maravilhosa*, é um dos aspectos em que mais se detém. Daí ter se utilizado do filme *Is a wonderful life*, de Frank Capra, como mote para seu livro. Chamado em português de *A felicidade não se compra* (sic!), o filme aborda a vida de um menino de espírito aventureiro, ao qual a vida submeteu como destino, ser apenas um pacato administrador de uma financeira, no interior dos Estados Unidos. Julgando que esta vida simples era desprovida de valor e, desesperado com a falência eminente da empresa, que tinha utilizado especialmente para auxiliar a população humilde de sua cidade, ele tenta o suicídio. Um candidato a anjo desce do céu e o faz rever sua trajetória e a grande influência que sua, aparentemente insignificante, vida, tinha tido para os moradores da pequena cidade. Gould utiliza-se deste relato para demonstrar a importância evolutiva e para a vida moderna, de qualquer um dos tipos primitivos que viveram na terra e de que, na falta de alguns deles, o curso da vida teria sido completamente distinto. Não haveria, portanto, um “direcionamento” pré-estabelecido no processo de aparecimento de novas estruturas e formas de vida. Diga-se de passagem que isso em pouco difere do que foi expresso por Darwin, em 1875: *I have called this principle, by which each slight variation, if useful, is preserved...*, embora, para ele, o único responsável por isso fosse a Seleção Natural.

No que diz respeito à religião, também o autor despertou polêmicas e foi colocado em uma situação no mínimo curiosa, diante do que realmente expressou ao longo da vida. Em parte, mais uma vez, isso deve ser responsabilidade de seu temperamento pouco sujeito a contemporizações. Foi acusado por seus pares de dar suporte aos “creacionistas”, exatamente aqueles contra os quais sempre se opôs, de modo tão forte, reagindo sempre com veemência contra a proibição do ensino da evolução, em escolas americanas, uma polêmica ainda atual. Gould dedicou, ainda, uma obra inteira à reflexão sobre ciência e religião. Em seu livro *Pilares do Tempo* (*Rocks of Ages*), de 1999, se propôs a conciliar estas duas áreas e a propor um modelo adequado e produtivo de relacionamento entre elas. Para tanto, apela para a tese dos Magistérios Não-Interferentes (MNI), resgatando a idéia dos *magisteriums* da tradição católica medieval. Ao contrário do que se poderia pensar, não se trata, para Gould, de “deixar cada uma com suas coisas”, e sim da necessidade que ambas devem ter, em manter constantemente, o diálogo mútuo. Também em seus livros, reunidos sob o subtítulo *Reflexões sobre História Natural*, inúmeras vezes ele resgata a história da ciência para analisar (e eventualmente

criticar) a evolução do pensamento científico e o papel que a igreja, e a fé, teve, sobre os naturalistas dos séculos XVI e XVII.

IHU On-Line - Qual é a atualidade da obra e do autor numa época em que periga a sobrevivência da humanidade, a biodiversidade e os recursos naturais?

Tânia Dutra - Ao despertar o debate e a livre discussão das idéias, observando o comportamento dos organismos, a obra de Gould será sempre importante, como a de qualquer outro cientista que a isso se prontifique, para as modernas concepções sobre como proteger a natureza e a biodiversidade. Também aqui, no entanto, foi mal-interpretado. Ele defende a presença contingente do homem no planeta e sua “pequena importância histórica”, já que um evento sutil no tempo geológico e o fato de que a vida existente hoje é resultado também de grandes catástrofes, ocorridas no passado da Terra. Suas idéias foram utilizadas pelos não-ambientalistas como um argumento de que a vida resiste a imensos danos e que, portanto, os cuidados que devemos ter para protegê-la, não seriam tão importantes. Contudo, ao mostrar o homem como alguém que chegou “muito tarde na festa”, mas que já conseguiu quase “fechar o bar”, com suas desordens e mau comportamento, era exatamente o contrário que ele defendia.

PRÓXIMA EDIÇÃO

No dia 3 de novembro de 2004, acontecerá mais uma edição do evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU. O Prof. Dr. Ney Lemke, professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, estará das 19h45min às 22h, na sala 1G119 do IHU, apresentando a obra **The Computational Beauty of Nature: Computer Explorations of Fractals, Chaos, Complex Systems and Adaptation**, de G. W. Flake. Cambridge: The MIT Press, 2000. O evento é gratuito e aberto à comunidade universitária.

Sala de Leitura

A última edição do evento **Sala de Leitura**, promovida pelo IHU, foi realizada dia 28 de setembro, com a colaboração do professor Arthur Blásio Rambo, do PPG em História da Unisinos. Ele apresentou o livro **Pe. João Evangelista Rick, SJ. Cientista, colonizador, apóstolo social, professor** (São Leopoldo: Unisinos, 2004), escrito por ele e pelo padre Arthur Rabuske, SJ. Confira na 117ª edição do **IHU On-Line**, de 27 de setembro de 2004, um artigo elaborado pelo professor, que fala sobre a obra.

Ecos do evento

"Achei muito boa a apresentação sobre aspectos gerais da pessoa do Pe. Rick e sobre o livro. Foi uma revelação, pois eu conhecia o padre Rick só pelo seu trabalho com os fungos. Foi novidade tudo o que ouvi sobre a sua personalidade, seu envolvimento na Fundação de Porto Novo, além de outras obras importantes por ele realizadas".

Padre João Sebaldo Schuck, SJ, superior da Casa de Saúde de São Leopoldo.

ECONOMIA SOLIDÁRIA NO PRÓXIMO SALA DE LEITURA

O livro **Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil**, organizado pelo Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger, da Unisinos, será por ele apresentado no próximo evento **Sala de Leitura**, dia 19 de outubro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A promoção é gratuita e aberta à comunidade acadêmica.

II Ciclo de estudos sobre o Brasil

PAULO FREIRE: “EU ESTOU NA MINHA FÉ!”

A pedagogia do oprimido, de Paulo Freire, foi o tema do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, realizado no dia 30 de setembro, apresentado pelo Prof. Dr. Danilo Streck, coordenador do PPG em Educação da Unisinos. O prof. Danilo Streck dividiu, inicialmente, a exposição em três grandes pontos: 1º. “A revolução tem um caráter eminentemente pedagógico”. Isso implica numa constante “reinvenção do poder”. 2º. É necessário pensar o Brasil junto com os outros movimentos internacionais, ou seja, não é possível pensar o Brasil fora das lutas internacionais; 3º. O humano se realiza em lugares diferentes. O ser humano sempre e em toda a parte é chamado a ser mais. O ser mais e o deixar de ser continuamente se embatem. O prof. Danilo Streck, de maneira criativa, apresentou a teoria de Paulo Freire em três metáforas: 1ª. Linha: *Educação como prática da liberdade*; 2ª. Ruptura: *Pedagogia do Oprimido*; 3ª. Trama: *Pedagogia da Esperança*. E a teoria de Paulo Freire conclui “revisitando o sujeito pedagógico” com a *Pedagogia da Autonomia*. Durante a exposição, foi visto o vídeo realizado pela PUC-SP com a última entrevista de Paulo Freire. Lá, num momento de alta comoção, Paulo Freire, narra a sua experiência de fé cristã. Conclui afirmando: “Eu estou na minha fé”. O professor Danilo escreveu um artigo sobre a obra na 117ª edição do **IHU On-Line**, de 27 de setembro de 2004.

Ecoss do evento

"Ouvir ou repensar Paulo Freire no contexto atual é, usando as palavras do próprio Paulo Freire, 'esperançar' novos dias, novos tempos, mas 'esperançar' no sentido de buscar o que pode ser feito hoje".

Dalva Bender, mestre em Educação pela Unisinos.

"Decidi assistir a essa palestra para conhecer mais Paulo Freire e sua obra **A pedagogia do oprimido**, que é muito importante. O professor fez uma boa introdução, explicando bem a obra. Temos a necessidade de fazer novas leituras, mas, muitas vezes, não sobra tempo. Nesse sentido, o evento ajuda".

Emanuel Almeida, mestrando em Direito na Unisinos.

O CONTINENTE DE ERICO VERÍSSIMO. COMO ENTENDER O BRASIL?

O clássico de Erico Veríssimo⁷, **O Continente**, é a obra que será discutida na próxima sessão do **II Ciclo de estudos sobre o Brasil**. A professora MS Eliana Inge Pritsch, da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos, estará das 14h às 17h do dia 14 de outubro de 2004, na sala 1G119 do IHU para organizar o trabalho com os participantes do evento. Eliana Pritsch é graduada em Letras Português-Latim pela UFRGS, e mestre em Letras também pela UFRGS. O título de sua dissertação é *Uma lira no coração: literatura e música em Machado de Assis*. Atualmente, a professora está concluindo o doutorado na mesma instituição, também em Letras. Sua tese leva o título *Bella Epica Historica: a guerra nas projeções épicas de Lucano e Basílio da Gama*.

Ela concedeu a entrevista a seguir ao **IHU On-Line**, por e-mail, na última semana, adiantando a forma como abordará o livro durante o evento.

⁷ No ano que vem, o Instituto Humanitas Unisinos, o curso de Letras e o PPG em História da Universidade promoverão o **Seminário Erico Veríssimo: Vida, obra e atualidade**. O evento acontecerá de 12 a 14 de setembro de 2005. (Nota do **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como descreveria a literatura de Erico Verissimo? Qual é sua marca pessoal?

Eliana Pritsch - A marca mais evidente da produção literária de Erico Verissimo é a sua crítica ao despotismo, à falta de liberdade pessoal e intelectual. O seu pensamento liberal percorre toda a sua obra, desde os primeiros romances, passando por *O tempo e o vento*, chegando em *Incidente em Antares*.

IHU On-Line - Por que considera importante estudar Verissimo dentro de um Ciclo de estudos sobre o Brasil? Como ele ajuda a redescobrir o Brasil?

Eliana Pritsch - A obra de Erico Verissimo, notadamente *O Tempo e o Vento*, é importante para discutir uma questão essencial no País: o centro e a periferia, o nacional e o regional. Mais ainda, *O tempo e o Vento* é um marco do romance histórico brasileiro, que deixa de ter o caráter unificador e nacionalista proposto por Alencar, deixa o modelo de sincretismo de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, para alcançar um debate do todo pela parte. A proposta é discutir as regiões do Brasil, uma vez que cada uma delas pode reproduzir o todo.

IHU On-Line - Qual é a maior riqueza da obra *O continente*?

Eliana Pritsch - Além da junção entre história e literatura, que permite a compreensão da formação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul, a maior riqueza de *O continente* é exatamente a desconstrução mítica e ideológica que o autor instaura. Assim, é comum vermos as pessoas identificarem essa obra ao apego às tradições gaúchas e ao regionalismo. Nada mais equivocado que essa idéia, pois Erico, aparentemente, contando a história do Rio Grande através de uma sucessão de guerras e outros acontecimentos históricos, na verdade conta a história do Estado pelo viés da disputa pelo poder.

IHU On-Line - A obra conta 150 anos da história do Rio Grande do Sul. Como o Rio Grande e o gaúcho são mostrados nas páginas de *O Continente*?

Eliana Pritsch - *O Continente* começa temporalmente no ano de 1745, nas Missões jesuíticas, e termina em 1895, quando termina a Revolução Federalista de 1893-1895. O Rio Grande que está delineado na obra, passa, principalmente, pela disputa de poder entre duas famílias, que adquirem notoriedade e prestígio de elite com o passar do tempo. O homem, o gaúcho como tal, está formado habilmente pela junção de diferentes etnias: Pedro Missioneiro representa o sangue guarani; Ana Terra, os bandeirantes paulistas; Rodrigo Cambará, o legítimo gaúcho andarengo, gaudério; os Amarais, os descendentes de açorianos de Laguna. O perfil social do Rio Grande vai sendo incrementado depois com os negros, com a chegada dos imigrantes alemães, dos judeus, evidenciando a miscigenação sempre apontada na formação do gaúcho. Mesmo havendo essa mistura racial, no entanto, as personagens principais, aquelas que detêm o poder, são luso-descendentes, o que comprova também que a história do Rio Grande pode ser lida como uma história de exclusão. Pedro Missioneiro, detentor da cultura jesuítico-guarani e representante do sangue guarani, fica à margem do processo da formação da fictícia cidade de Santa Fé, entendida como uma alegoria para o próprio estado; os negros, no Rio Grande do Sul, são melhores, porque "sabem o seu lugar", e o grande "aboliconista" Licurgo Cambará agradece, quando seus ex-escravos saem de sua sala; a família Caré, representando a peonada pobre, sempre a serviço dos grandes estancieiros, também fica à margem do progresso civilizacional do Estado, tão à margem que sua história aparece nos relatos de intermédio entre os diferentes episódios. Assim, a leitura da obra de Erico pode ser lida, mas só aparentemente, como a formação da tradição e cultura gaúchas convencionais, pois, na

verdade, a obra reflete, através de um microcosmo, que é a cidade de Santa Fé, as diferentes relações sociais aqui existentes.

IHU On-Line - Em que sentido a obra pode ajudar a compreender o Brasil contemporâneo?

Eliana Pritsch - Penso em *O Continente* como em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. As duas obras contribuíram decisivamente na compreensão do Brasil contemporâneo, e a estratégia de ambas é bastante semelhante, na medida em que nelas, cada uma a seu modo, o passado surge como forma para encontrar as "raízes" da cultura e da sociedade brasileiras. São obras de gêneros distintos, mas que promovem esse debate. Na obra de Holanda, o passado não surge em forma de enaltecimento, mas como base para a compreensão atual de traços de nossa cultura, como o autoritarismo, o gosto pela aparência. Cada qual, em um gênero de escritura, promove o debate de que o passado não deve ser objeto de nostalgia, mas de nosso conhecimento para o entendimento da nossa sociedade atual. No caso específico da cultura gaúcha, Erico procede de forma semelhante. Os fatos históricos e guerreiros, a configuração do gaúcho, deixam de ser examinados através do enaltecimento ufanista e passam a ser redimensionados. Verissimo opera, na realidade, com a quebra dos paradigmas míticos do gaúcho para contar a história, não de um Estado guerreiro e detentor de uma cultura própria que se julga superior ao senso comum nacional, mas sim da disputa pelo poder entre duas famílias. Assim só na aparência a obra conta a trajetória de uma família ou a história de um Estado – mesmo que esses ingredientes obviamente estejam presentes também –, pois no fundo a formação do Rio Grande passa a ser a história do jogo de poder entre as elites, como em qualquer tempo e lugar. A resposta sobre essa questão da desconstrução de uma mitologia gaúcha é dada pela personagem de Floriano, na terceira parte da obra, em *O Arquipélago*, quando perguntado por um estancieiro: “Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra?” Ao que responde Floriano: – “Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico”.

IHU On-Line - Algum outro aspecto sobre a apresentação da obra que queira destacar.

Eliana Pritsch - Um aspecto que tem despertado minha atenção é a relação da obra e o contexto histórico do autor. Dito de outra maneira, o debate sobre a cultura e a história gaúchas fervilhava na época em que Erico escreve e publica seus livros, com diferentes polêmicas entre os intelectuais, que se dividem quanto à formação de nosso estado. Além das divergências dos intelectuais em dois blocos, comumente denominados de “lusianistas” e “platinistas”, há ainda a emergência do Tradicionalismo, num primeiro momento na virada do século XX e, num segundo, com o surgimento dos CTG's. De que forma cada um desses segmentos lê a obra de Erico e como o autor lida com essas polêmicas? Um exemplo é a polêmica que envolveu a comunidade e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) com relação à construção de um monumento a Sepé Tiaraju. A polêmica (entre 1955-1957) aconteceu depois da publicação de *O Continente*, mas o debate já vinha sendo gestado com a propulsão do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que encontrava na figura daquele índio guarani o protótipo do gaúcho: bom domador, bom cavaleiro, que luta pela sua terra. Erico pessoalmente tem amigos que militam em blocos distintos. Como ele resolve essas pendengas? Não discute, mas inclui Sepé no episódio *A Fonte*. Mas o índio guarani tem o destaque, no romance, reivindicado pelos platinistas na história do Rio Grande do Sul? Não, fica apenas como herança genética a ser esquecida, porque Pedro Missioneiro é assassinado pelos homens da família Terra, e por

isso não participa da construção efetiva do Rio Grande, identificado com a cidade de Santa Fé, e seu filho, Pedro Terra, está sempre mais identificado com o avô materno.

Ciclo de estudos sobre “O método”, de Edgar Morin

A SAÚDE NO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

O Seminário *A saúde no paradigma da complexidade* é a próxima atividade agendada do evento **Ciclo de estudos sobre “O método”, de Edgar Morin**. O convidado do Instituto Humanitas Unisinos para conduzir o debate é Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, reitor e professor na Universidade Federal da Bahia (UFBA). O evento se realizará no próximo dia 7 de outubro, das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU. Graduado em Medicina pela UFBA, o professor Naomar é mestre em Saúde Coletiva pela mesma instituição. Obteve o doutorado e o pós-doutorado em Epidemiologia - Antropologia Médica pela Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Sua tese intitula-se *Social Class, Migration and Mental Health in Bahia, Brazil* (Classe social, migração e saúde mental na Bahia, Brasil). Naomar Monteiro é autor de mais de 15 livros, entre os quais citamos ***Epidemiologia das Desordens Psiquiátricas na Infância no Brasil***. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1985; ***Epidemiologia sem Números - Introdução Crítica à Ciência Epidemiológica***. Rio de Janeiro: Campus/Abrasco, 1989; ***La Ciencia Tímida - Ensayos de deconstrucción de la Epidemiología***. Buenos Aires: Editorial Lugar, 2000; e ***A Ciência da Saúde***. São Paulo: Hucitec, 2000. É também organizador de, entre outros, ***Epidemiologia & Saúde***. Rio de Janeiro: Medsi, 1999.

Exposição itinerante celebra os 3 anos do IHU

Começou, na semana passada, a exposição itinerante pela Unisinos em comemoração aos três anos do Instituto Humanitas Unisinos. A exposição foi inaugurada no final da tarde de segunda-feira, 27 de setembro, e será concluída no dia 7 de outubro. A inauguração ocorreu no Espaço Cultural do IHU, quando o diretor do Instituto Humanitas Unisinos, Prof. Dr. Inácio Neutzling, destacou a evolução do IHU no contexto da Universidade. Estiveram presentes diversas autoridades da Universidade, entre elas o vice-reitor, Pe. Marcelo Aquino, o pró-reitor acadêmico, Pe. Pedro Gilberto Gomes, o diretor da Unidade Acadêmica de Pró-educação, Prof. Roberto Haleva, o diretor da Unidade Acadêmica de Educação Continuada, Prof. Vicente Sant'Anna, a diretora da Unidade Acadêmica de Graduação, Profª. Emi Santini Saft, a diretora da Unidade Acadêmica de Pós-graduação, Profª. Ione Bentz, e o diretor da Unidade de Apoio de Finanças e Informações, Prof. Célio Wolfarth. O encontro foi animado pela música de Samir Longoni Rathen, que interpretou canções no instrumento vibrafone.

A exposição visitará todas as Unidades de Ensino da Universidade. No dia 29 de setembro, ela esteve na Unidade de Ciências Humanas, no dia 30, na Unidade de Ciências Econômicas e no dia 1º de outubro, na Unidade de Ciências Jurídicas. Hoje, dia 4 de outubro, a exposição continua percorrendo a Universidade, iniciando pela Unidade de Ciências da Saúde. Amanhã, dia 5 de outubro, ela estará na Unidade de Ciências da Comunicação, no dia 6 de outubro, na Unidade de Ciências Exatas e, no dia 7, na Unidade de Ciências Tecnológicas.

Foi distribuído aos visitantes material promocional do site do IHU (www.ihu.unisinos.br).

TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE A PARTIR DO MOVIMENTO ECOLÓGICO E FEMINISTA

No último dia 27 de setembro, por ocasião do terceiro aniversário de criação do Instituto Humanitas Unisinos, foi lançada mais uma publicação do IHU: **Cadernos Teologia Pública**, com direito, inclusive, à seção de autógrafos. O primeiro número publica o artigo *Hermenêutica da Tradição Cristã no limiar do século XXI* de Johan Konings. O segundo número dos *Cadernos Teologia Pública* tem o seguinte tema: *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do Movimento Ecológico e Feminista*. O artigo é da Profa. Dra. Maria Clara Bingemer, decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Espiritualidade: um novo rosto difuso e plural; a experiência: elemento central da espiritualidade: o desejo, a fé e a relação; o reencantamento do olhar; criação: lugar do ético e do patético; as relações de gênero: uma espiritualidade da relação e da diferença; o corpo feminino: interpelação para o sagrado cristão são alguns dos pontos abordados na publicação. Os **Cadernos Teologia Pública** podem ser adquiridos na Livraria Cultural, ao lado do IHU, pelo seguinte endereço: humanitas@poa.unisinos.br ou pelo telefone: (51) 590.8474.

Física Quântica: da sua pré-história ao conteúdo essencial

“A Física Quântica desperta em muitas pessoas interesses variados”, escreve o físico Paulo Henrique Dionísio no recém-lançado **Cadernos IHU Idéias**, n.º 22, sob o título *Física Quântica: de sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial*. Segundo o Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio, professor na Unisinos, “nascida com o século XX, bastaram algumas décadas para que influenciasse decisivamente a vida de todos nós, pois deu sustentação teórica à estonteante revolução tecnológica, ocorrida, principalmente, a partir dos anos 1950. Concomitantemente, exigiu dos físicos profundas alterações em sua maneira de descrever os fenômenos naturais, em sua forma de compreender e explicar a natureza.” E continua: “Na verdade, não houve consenso. Ficaram famosas as discussões entre Einstein e Niels Bohr, centradas, principalmente, na questão do caráter probabilístico da nova teoria em oposição ao determinismo da Física Clássica e na interpretação de alguns aspectos do formalismo matemático utilizado. E as discussões perduram, apesar da sofisticação dos novos experimentos que o próprio desenvolvimento tecnológico viabiliza, realizados com o fim específico de tentar elucidar as questões pendentes. Dualidade onda-partícula, princípio da incerteza, o gato de Schrödinger, o colapso da função de onda, a ação da consciência do observador sobre o estado do sistema... Expressões como estas respingam no leigo em Física, que fica entre curioso e perplexo, às vezes esperançoso, no mais das vezes indiferente. Mas afinal, o que é mesmo a Física Quântica?”

O autor, que também é membro do Conselho Técnico-Científico do *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, a ser realizado de 16 a 19 de maio de 2005, aqui na Unisinos, busca responder a esta pergunta de maneira que pessoas não-iniciadas na ciência física possam entender melhor o que é a Física Quântica.

O trabalho de Paulo Henrique Dionísio se divide, fundamentalmente, nos seguintes pontos: A Física ao final do Século XIX e os germens da transformação; a radiação de cavidade; a solução proposta por Planck; o movimento de um pêndulo segundo Planck; o pêndulo segundo Planck x o pêndulo segundo Newton; Einstein e os fótons; o átomo de Rutherford; Bohr explica o átomo; o Princípio da Correspondência; as ondas de matéria de Broglie; os pilares da Física Quântica em sua fase pré-histórica; a Equação de Schrödinger e o início da fase histórica; Mecânica Quântica de Schrödinger x mecânica de Newton; o Princípio da Incerteza e o Princípio da Complementaridade; e Einstein e a Física Quântica.

Os **Cadernos IHU Idéias** podem ser adquiridos na Livraria Cultural, ao lado do IHU, ou pelo endereço: humanitas@poa.unisinos.br ou pelo telefone (51) 5908474.

A relatividade, a física das partículas e as origens do Universo

Com o título acima, o Prof. Dr. Mario Novello - Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - RJ, ministrará uma oficina no *Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade*. O simpósio realizar-se-á de 16 a 19 de maio de 2005, na Unisinos.

No dia 29 de reuniu-se, novamente, a coordenação do Simpósio que é composta pelas seguintes pessoas: Prof.^a Dr.^a Berenice Corsetti - Unisinos, Prof. MS Dáris Corbellini - Unisinos, Prof. Dr. Fernando Althoff - Unisinos, MS Haide Hupffer - Unisinos, Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos, MS João Geraldo Kolling - CECREI, Prof. Dr. José Ivo Follmann - Unisinos, Prof. Dr. José Luiz Bica de Melo - Unisinos, Prof. Dr. José Roque Junges - Unisinos, Prof. MS Laurício Neumann - Unisinos, MS Rosa Maria Serra Bavaresco - Unisinos, Prof.^a Vera Lúcia de Vargas - Unisinos e Prof.^a MS Vera Regina Schmitz - Unisinos.

Relações da pesquisa em educação

O X Fórum de Educação, que está sendo promovido de 18 de agosto a 3 de novembro pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Unisinos, traz para dar palestras, nos dias 5 e 6 de outubro, o Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão, da Unicamp. Ele apresentará o tema *Pesquisa em Educação: Para Quê?*, no dia 5, às 8h30min e às 14h, na sala 1G119 do IHU, e no dia 6 de outubro, às 9h, no Auditório das Ciências Jurídicas da Unisinos.

Doutor em Ciências Sociais pela USP, Brandão aprofundou seus estudos sobre os camponeses. "De um menino carioca que, por muitos anos, sonhou ser agrônomo, saiu um antropólogo que insiste em viver às voltas com comunidades camponesas", relata Brandão em ***A Educação Como Cultura***. Mercado de Letras, 2002.

Brandão também é pesquisador associado do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) e coordena o Projeto Biodiversidade, Sustentabilidade e Educação Ambiental do Programa Biota/Fapesp (Biodiversidade do Estado de São Paulo). Esse projeto temático envolve quatro universidades públicas e duas universidades particulares de São Paulo. Reúne entre estudantes de graduação e docentes pós-doutores, cerca de 50 pessoas.

Entre outros livros, Brandão publicou ***A História do Menino que Lia o Mundo***, em 2001. O pesquisador acredita na educação como uma espécie de milagre, por ser uma teia complexa de liberdade da imaginação. "Estou só, logo somos quatro", cita Brandão em ***A Educação como Cultura***.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER



Egídio Francisco Schmitz

"Eu continuo sonhando e tentando realizar". Esse é o professor e padre Egídio Schmitz que, quase aos 80 anos de idade, afirma: "Não posso parar. Na hora em que eu parar eu fico velho, o que ainda não me considero, porque estou 'a toda'". Em plena atividade com dois projetos de pesquisa em andamento no PPG em Educação da Unisinos e orientações de alunos, o jesuíta está cheio de projetos e já planeja comemorações: "no ano que vem vou fazer 50 anos de Unisinos e 80 anos de idade. Vamos festejar!". A seguir, um resumo da história de vida de padre Egídio Schmitz.

Origens - Nasci em 20 de janeiro de 1925, num lugar pequeno, chamado Arroio das Pedras, pertencente a Bom Princípio, para onde nos mudamos quando eu tinha 3 anos. Sou o terceiro filho de 11 que meus pais tiveram. Desses, três são falecidos. Nossa família não era rica, mas tínhamos uma boa propriedade. Nossa produção era típica da colônia: alfafa, milho, aipim, mandioca, tínhamos vacas e vendíamos leite, também tínhamos galinhas, para vendermos os ovos, e porcos, para carne, banha e venda. Eu e meus sete irmãos somos todos bem encaminhados e formados. Encontramo-nos sempre, pelo menos uma vez por ano. É uma festa.

Convívio em família - Eu trabalhava em casa. Eu e meus irmãos dividíamos as tarefas, desde lavar a louça até limpar a estrebaria. A gente tinha em casa muita fruta, de vários tipos. Depois do almoço íamos correndo para as árvores, comer frutas. Eu até cozinhava para toda a família durante uma época, quase todos os dias. Colocava charque e bastante tempero no feijão. Na nossa mesa, não tinha nada de especial ou variado, mas tudo nutritivo. Tinha mel de abelha, com o leite se fazia iogurte, queijo, *käs-schmier*. Em dia de chuva, não se ia para a roça, mas tínhamos que fazer pasto para o gado, ou ficávamos em casa fazendo "chimia"⁸ de cana.

Sacerdócio - Quando eu tinha 18 anos, costumava ir aos bailes e "paquerar" as meninas. Em 1943, ordenou-se padre jesuíta um rapaz que era amigo da nossa família. Num dia de semana, ele foi nos fazer uma visita. Eu cheguei em casa da roça, lavei-me e parei diante do espelho para me pentear. Ele olhou para mim e disse: "Em ti se perdeu um belo padre". Eu respondi prontamente: "Não está perdido ainda". Antes disso, eu nunca tinha pensado em ser padre.

⁸ Chimia é uma espécie de doce pastoso, utilizado para comer com pão, feito artesanalmente por famílias do interior do Rio Grande do Sul. A palavra *Chimia* deriva do termo do idioma alemão *schmier*. (Nota do **IHU On-Line**)

Minha vontade era estudar e ser professor. Meu irmão mais novo, o Pe. Inácio Schmitz⁹, já estava no seminário. O diretor de lá, no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, quando me apresentei, disse que eu era muito velho, mas, no fim, consegui entrar. Em 1946, fui para o noviciado, em Pareci Novo. Dois anos depois iniciei o juniorado, que eram os estudos clássicos. Nossa família era católica muito praticante. A gente ia sempre à igreja. Mas eu não gostava porque os padres faziam um sermão comprido. Teve até um dia que eu estava meio dormindo e fui embora depois do sermão, porque achei que a missa já tinha terminado. Quando tocou o sino no momento da consagração, eu já estava em casa. Tive que voltar para outra missa (e sermão!). Foi aí que aprendi a fazer sermão curtinho. Em 1957, me ordenei padre. Em 1959, fiz o que se chamava de terceira provação, em Volta Redonda, a última parte da formação religiosa.

Formação - Com sete anos de idade, eu fui para a escola paroquial, que ficava perto da igreja, a cinco minutos de caminhada da nossa casa. Ela era dirigida pelos irmãos maristas. As aulas eram só em alemão. Meu primeiro professor, o irmão Norberto, era muito severo, até violento. Ele dava surra nos guris. Eu nunca apanhei. Sempre fui bom estudante, o primeiro da classe. Em dias de chuva, era uma beleza. Ele tocava harmônio, e a gente ficava em volta cantando. Eu estudava de manhã nessa escola e à tarde na escola municipal, que ensinava o português, além do alemão. Para a aula da manhã, eu estudava à noite e, para a aula da tarde, estudava no caminho da escola, caminhando e lendo. Tenho esse hábito até hoje. Com 12 anos terminei os estudos e fiquei em casa. Depois que ingressei no seminário e terminei os estudos clássicos do juniorado, vim para São Leopoldo, cursar Filosofia no Colégio Cristo Rei, em 1950. Também fiz vestibular na PUC e comecei a cursar Letras Clássicas paralelamente à Filosofia. Terminei o curso de licenciatura em Letras Clássicas na UFRGS. Voltei a São Leopoldo para cursar os quatro anos de Teologia no Cristo Rei, que concluí em 1958. Em 1960, recebemos duas bolsas de estudo para fazer mestrado em Educação em Nova Iorque, nos Estados Unidos, na Fordham University. Eu fui um dos contemplados e iniciei o curso em janeiro de 1961. Presenciei a posse do presidente John Kennedy. Para me sustentar, trabalhei em uma paróquia em que os fiéis eram, na sua maioria, italianos, em Nova Iorque. Terminei o curso em um ano e meio e voltei ao Brasil, dando aula no Colégio Anchieta e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo. Em 1976, eu e meu irmão nos aventuramos e fomos fazer livre-docência na PUC. Entreguei a tese seis meses depois do início, com 350 páginas, e tirei distinção. Em 1980, publiquei a tese¹⁰, reduzindo o número de páginas. Esse livro foi até plagiado e defendido como tese por um professor brasileiro na Espanha. Em 1979, voltei a Nova Iorque para fazer o pós-doutorado em Filosofia da Educação. Mais tarde fiz outros dois pós-doutorados na Alemanha, na Ruhr Universität Bochum.

Professor - Já na época do noviciado, em 1946, comecei como professor de Latim dos meus próprios colegas. No segundo ano do juniorado, fui convidado a dar aula de Grego, novamente para os meus colegas. Em 1953, fui para o Colégio Anchieta, para ser professor de Português, Latim, Trabalhos Manuais e Religião. Também fui professor de Latim no Ginásio de Aplicação, na UFRGS, durante meu estágio de prática. Em 1955, me pediram para dar aula de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, em São Leopoldo, onde já era secretário, desde 1954. Desde então sou professor na Unisinos. No ano que vem vou fazer

⁹ Pe. Inácio Schmitz é professor e diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas, localizado na Antiga Sede da Unisinos. (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁰ *O Pragmatismo de Dewey na Educação*. Rio de Janeiro: LTC, 1980. (Nota do *IHU On-Line*).

50 anos de Unisinos e 80 anos de idade. Daí, vamos festejar! Durante três anos, de 1966 a 1968, fui transferido para Curitiba. Trabalhei como coordenador pedagógico e diretor no Colégio Medianeira. Em 1969, foi criada a Universidade, ainda no prédio antigo. Eu fui o primeiro diretor do Centro de Educação e Humanismo, durante quatro anos. E depois disso, segui sempre como professor. Em 1972, fui convidado a ser o primeiro professor no Mestrado em Educação da UFRGS. Também, desde 1972, lecionei no Mestrado em Educação da PUC, durante 18 anos. Fui professor em São Paulo, nas Faculdades Anchieta, nos períodos de férias aqui, durante 10 anos. Ser professor é bom, porque posso lidar com pessoas. Não adianta ter um monte de conhecimento se não podemos dialogar. Desenvolvo hoje no PPG dois projetos de pesquisa, além de orientar dois alunos, um do mestrado e outro do doutorado em Educação. Além disso, publiquei 10 livros e uma grande quantidade de artigos, e participei em muitos congressos nacionais e internacionais. Não posso parar. Na hora em que parar, eu fico velho e por enquanto eu não me considero velho, porque estou "à toda". Eu podia fazer outras coisas. Conheço sete línguas, poderia fazer traduções, escrever, etc., mas preciso do contato com pessoas.

Autor - John Dewey.

Livro - *Como pensamos*, de John Dewey.

Filme - *A missão*, de Roland Joffé, com o ator Robert De Niro.

Presente - Lembranças típicas de lugares que as pessoas visitam.

Nas horas livres - Ler, escutar música, ver filmes, passear.

Um sonho - Continuar trabalhando, fazendo o bem para os outros.

Momento marcante - Minha decisão de ser padre.

Unisinos - A minha casa, que eu ajudei a construir. Ela representa para mim não apenas um campo de trabalho, mas um lar. É uma instituição diferente da maioria das universidades. Tem uma filosofia que, se for realmente cumprida, é exatamente o que nós queremos: a filosofia educacional dos jesuítas.

IHU - Fico impressionado com a produtividade de vocês. Realmente, o Instituto Humanitas é algo que estava faltando, um lugar onde se concentre aquilo que não é de aula, dos assuntos comuns, mas que os ultrapassa, sendo realmente humanista.

SALA DE LEITURA



Atualmente, estou lendo o livro ***O dia em que Getúlio matou Allende***, de Flávio Tavares¹¹. Rio de Janeiro: Record, 2004, 333 páginas. O autor relata, de forma coloquial, ágil e com particular serenidade (considerando o fato de ter sido exilado político), acontecimentos que vivenciou antes e depois do movimento de 1964, trazendo detalhes sobre o modo de ser e agir de personalidades daquela época tão turbulenta, tais como Vargas e seu guarda-costas; Carlos Lacerda; Juscelino Kubistckek; João Goulart e Jânio Quadros. A narrativa se completa a partir de narrações sobre o período em que Trotsky passou no México e sobre os últimos dias de Che Guevara. O estilo de Flávio Tavares envolve o leitor desde a primeira página, propiciando leitura extremamente proveitosa.

Profª. MS Margit Petry dos Santos, mestre em Direito e professora do Curso de Direito da Unisinos.



Ler é adquirir a experiência de anos de alguma pessoa de uma forma rápida e prazerosa. Li há pouco tempo atrás ***A Arte da Felicidade – Um manual para a vida***, de Howard C. Cutler e Dalai Lama; tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (1. ed.), 364 páginas. O livro foi escrito por um psiquiatra ocidental, Howard Cutler, baseado em encontros pessoais que fez com o Dalai-Lama e que tinham como objetivo fazer com que o mestre espiritual apresentasse suas opiniões sobre como levar uma vida mais feliz. Por meio de conversas, histórias e meditações, o Dalai Lama mostra-nos como derrotar a ansiedade, insegurança, contrariedade e o desânimo do dia-a-dia. Trata-se da visão da vida de uma pessoa com uma cultura diferente e que, na minha opinião, contribui de forma positiva na busca, que cada indivíduo faz, pela felicidade.

Profª. MS Adriane Gaspary, mestre e doutoranda em Engenharia Civil e professora do Curso de Engenharia Civil da Unisinos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

CARTAS DO LEITOR

Por ocasião dos três anos do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), recebemos muitas mensagens, telefonemas, e-mails e cumprimentos de pessoas que vieram pessoalmente até o IHU. A todos e todas agradecemos.

ENQUETE NO SÍTIO DO IHU - [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://www.ihu.unisinos.br)

Confira o resultado da enquete da última semana

Está em debate a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, assinada por 192 países no âmbito das Nações Unidas que aposta na erradicação da cultura do fumo. Hainsi Gralow,

¹¹ Flávio Tavares concedeu entrevista ao ***IHU On-Line*** sobre o livro em questão, na 107ª edição, do dia 28 de junho de 2004, com o título “Usando apenas a palavra, mudou a cara do País e abortou um golpe de Estado”, na edição que tratou de Leonel Brizola na matéria de capa. (Nota do ***IHU On-Line***).

presidente da Afubra (Associação dos Fumicultores do Brasil), no artigo "Controle do tabaco, sim. Erradicação, não", publicado no jornal Folha de S. Paulo, 27-9-04, se posiciona contra a ratificação. Entre outros motivos, ele mostra que nos Estados do Sul o número de fumicultores na atual safra chegaram a 190.270. Cada um desses produtores retira do tabaco o próprio sustento e o de toda a família. Um hectare de fumo rende ao produtor rural R\$ 11 mil, enquanto o plantio de um hectare de soja rende R\$ 2.500. Podemos falar também do feijão (R\$ 1.300 por hectare) e do milho (R\$ 1.000 por hectare). Afirma ainda que a atividade fumageira envolve uma cadeia produtiva responsável por cerca de 1 milhão de empregos diretos. Segundo Hainsi Gralow, "a cultura do fumo no Brasil é uma atividade rentável, exportadora e estratégica. Só com impostos, o governo arrecada R\$ 6 bilhões".

Na tua opinião, o governo brasileiro deve ratificar a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco?

- Sim, porque sou a favor da erradicação do tabaco - 66,6% dos votos
- Não, porque sou favorável ao controle, mas não à erradicação - 26,6% dos votos
- Não, porque sou contra à erradicação - 0% dos votos
- Não tenho opinião formada sobre o assunto - 6,6% dos votos

Comentário à enquete:

"É sim necessário um controle da indústria tabagista, de forma que os impostos arrecadados pelo governo neste meio sejam investidos em programas e ações sociais de prevenção e educação sobre os males causados pelo cigarro. Mas a erradicação do tabaco é uma postura muito arbitrária. Com educação e formação a população adquire consciência, agora, com formas deste tipo, não se obterão resultados".

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2^{as} feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br. Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br. Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS